



O ALCORÃO

UMA MARAVILHA
PERMANENTE

MAULANA
WAHIDUDDIN KHAN

O ALCORÃO

UMA MARAVILHA
PERMANENTE

Outros livros de Maulana Wahiduddin Khan

The Moral Vision

Islam As It Is

Religion and Science

A Treasury of the Qur'an

Woman in Islamic Shari'ah

Islam: Creator of the Modern Age

Words of the Prophet Muhammad

Islam: The Voice of Human Nature

An Islamic Treasury of Virtues

Woman Between Islam and Western Society

Islam and the Modern Man

Muhammad: A Prophet for All Humanity

Muhammad: The Ideal Character

Islam and Peace

Principles of Islam

The Call of the Qur'an

The Quran For All Humanity

The Good Life

The Way to Find God

The Teachings of Islam

The Garden of Paradise

The Fire of Hell

Indian Muslims

Tabligh Movement

Man Know Thyself

Polygamy and Islam

Hijab in Islam

Concerning Divorce

Uniform Civil-Code

Introducing Islam

God Arises

O ALCORÃO

UMA MARAVILHA
PERMANENTE

MAULANA
WAHIDUDDIN KHAN

Goodword Books

First published 2024
This book is copyright free

Urdu version: *Azmat-e-Quran*

Goodword Books
A-21, Sector 4, Noida-201301, Delhi NCR, India
Tel. +91 120 4131448, Mob. +91 8588822672
email: info@goodwordbooks.com
www.goodwordbooks.com

CPS International
Centre for Peace and Spirituality International
1, Nizamuddin West Market, New Delhi-110 013, India
Mob. +91-9999944119
e-mail: info@cpsglobal.org
www.cpsglobal.org

Center for Peace and Spirituality USA
2665 Byberry Road, Bensalem, PA 19020, USA
Cell: 617-960-7156
email: kkaleemuddin@gmail.com

ÍNDICE

Prefácio	6
Parte 1: Argumentos do Alcorão	
1. Alcorão: o Livro de Deus	11
2. Alcorão: o milagre do profeta	53
3. Alcorão: a voz de Deus	77
Parte 2: A proteção do Alcorão	
1. A preservação do Alcorão	99
2. Arranjo Divino	111
Verdade Exterior	117

PREFÁCIO

Esta coleção discute brevemente dois aspectos do Alcorão: primeiro, ele ser em si mesmo uma prova de que é o Livro de Deus. Segundo, sua preservação completa em sua forma original, conforme revelado ao Profeta árabe, Muhammad, no século VII.

Muitas revelações foram feitas por Deus e escritas por Seus devotos antes do advento do Alcorão. Então o quê, exatamente, distingue o texto sagrado islâmico de seus antecessores? Não é só o fato de ele ser completo e os demais livros serem incompletos. Categorizar as escrituras sagradas dessa forma seria o mesmo que os Profetas discriminarem uns aos outros, o que, com toda certeza, não é certo.

Então qual é a grande característica distintiva? Há apenas uma, simples e grandiosa: o texto do Alcorão jamais foi adulterado, enquanto todos os demais livros se perderam de sua forma e conteúdo original ao longo do tempo, o que significou uma séria perda de autenticidade. É essa a característica do Alcorão – seu perfeito estado de preservação – que o destaca entre seus antecessores como um veículo único de orientação divina e salvação, que manterá sua validade até o último dia.

A preservação do Alcorão foi uma tarefa trabalhosa que exigiu grande habilidade e dedicação. Como tal, foi o mais extraordinário empreendimento da era. Este feito ganha em importância quando visto no contexto da perda de

PREFÁCIO

autoridade dos textos anteriores, que não foram mantidos em seu estado original. Somente o alcorão sobreviveu como o discurso completamente preservado do Todo-Poderoso.

Deus tem poder absoluto sobre todas as coisas. Se Ele deu ao homem liberdade ao longo de sua vida neste mundo, isso foi puramente para testá-lo. Assim foi para que, se o homem fizesse alterações ou mesmo destruísse as escrituras divinas, seria por ele ter escolhido fazer mau uso de sua liberdade. Por fim, enquanto bênção excepcional para o homem, Deus fez preparativos para preservar Sua orientação para as futuras gerações. Foi assim que – através de um auxílio especial de Deus – o Profeta e seus companheiros tiveram sucesso em sua longa luta com os transgressores, inaugurando assim uma nova era na história do mundo.

Eles tiveram êxito em substituir o velho mundo por um novo mundo que, com a sua inquestionável fidelidade à verdade, conseguiu uma garantia eterna de preservação do Alcorão.

Wahiduddin Khan

PARTE I

Argumentos do Alcorão

CAPÍTULO 1

O ALCORÃO: O LIVRO DE DEUS

Quando o Profeta Muhammad (que a paz esteja com ele) afirmou que o Alcorão era um livro divino revelado a ele por Deus para orientação do homem, houve muitos que não acreditaram nele. Para eles, as escrituras eram uma composição humana e não divina. O Alcorão então lançou um desafio a esses céticos, pedindo que eles produzissem “uma escritura semelhante”, se o que eles diziam era verdade (alcorão, cap. 52 vs. 34).

Esse livro declarava ainda, com certeza absoluta, que mesmo que todos os seres humanos e os gênios fizessem um esforço coletivo e unificado para produzirem um livro como o Alcorão, eles falhariam totalmente em sua tentativa (alcorão, cap. 17 vs. 88).

O Alcorão, sendo um livro eterno, propõe um desafio perene, dirigido a todo ser humano que exista até o dia do Juízo Final.

Agora, a questão que se faz é quais são as características que esse livro sagrado possui que o tornam inimitável. Diversos aspectos de sua singularidade são mencionados no Alcorão, um deles sendo a sua consistência:

“E não ponderam eles o Alcorão? E, fosse vindo de outro que Allah, encontrariam nele muitas discrepâncias (*ikhtilaf*)” (alcorão, cap. 04 vs. 82).

(O professor Arberry traduziu a palavra árabe *ikhtilaf* como “inconsistência”.¹ Outros significados da palavra incluem: contradição, disparidade e diferença).

Total consistência é uma qualidade extremamente rara, e é um atributo exclusivo de Deus. Portanto, está além de qualquer ser humano compor uma obra na qual não haja qualquer disparidade. Para que uma obra seja quase que perfeita, seu autor deve ter domínio de um conhecimento tal que abranja o passado e o futuro, e que também se estenda a todos os objetos da criação. Não pode haver nenhuma sombra de dúvida em sua percepção da natureza essencial das coisas. Além do mais, seu conhecimento deve ser oriundo de fonte direta, não de informação indiretamente recebida de outros. E há mais uma particularidade que ele deve possuir: ele deve ser capaz de ver as coisas, não sob uma ótica enviesada, mas como elas realmente são.

Deus, e somente Deus, pode possuir todas essas qualidades extraordinárias. Por essa razão, somente Sua Palavra permanece perenemente isenta de qualquer inconsistência. A obra do homem, por outro lado, está sempre estragada pela imperfeição, pois o próprio homem é imperfeito. Não está dentro de sua capacidade compor uma obra isenta de contradição.

¹ N.T. O autor se refere à tradução de Arthur John Arberry, “The Koran Interpreted”, lançada em 1955. A tradução para língua portuguesa usada aqui é a do professor Helmi Nasr. Na tradução do professor Samir El Hayek foi usada a palavra “disparidade”.

CONTRADIÇÕES NA RAZÃO HUMANA

Não é por acaso que a obra do homem está permeada de contradições. Isso é inevitável, dadas as limitações inerentes à atividade cerebral humana. A natureza da criação é tal que ela aceita apenas o pensamento de seu Criador. Qualquer teoria que não esteja em consonância com Seu pensamento não encontra lugar neste universo. Ela irá se contradizer, pois está em desacordo com universo em geral. Será também inconsistente, pois são segue o padrão da natureza. Por essa razão, a inconsistência intelectual há de estragar qualquer teoria concebida pelo homem. Vamos ilustrar esse ponto com diversos exemplos.

DARWINISMO

Charles Darwin (1809-1882), e outros cientistas depois dele, desenvolveram a Teoria da Evolução a partir das suas observações das criaturas vivas. Eles viram que as várias formas de vida encontradas na Terra pareciam exteriormente diferentes umas das outras. Porém, biologicamente, elas carregavam uma semelhança considerável entre si. A estrutura de um cavalo, por exemplo, quando erguido sobre as duas patas traseiras, não era muito diferente da estrutura humana.

A partir dessas observações, eles chegaram à conclusão de que o homem não era uma espécie isolada e que, juntamente com os outros animais, tinha origem em um gene comum. Todas as criaturas estavam envolvidas em uma grande jornada evolutiva através de estágios sucessivos

de desenvolvimento biológico. Enquanto os répteis, os quadrúpedes e os macacos se encontravam em fase inicial da evolução, o homem encontrava-se em fase avançada.

Durante cem anos essa teoria dominou o pensamento humano. Mas, depois, investigações mais aprofundadas revelaram que ela tinha lacunas. A teoria não se enquadrava totalmente na estrutura da criação. Em certos aspectos fundamentais, ela entrava em conflito com a ordem do universo como um todo. Por exemplo, tem a questão da idade da Terra. Pelos cálculos científicos, sua idade é de cerca de 4,5 bilhões de anos. Agora, esse período é curto demais para ter acomodado o processo de evolução proposto por Darwin. Foi demonstrado cientificamente que para que um único composto de molécula de proteína tivesse evoluído, teria sido necessário mais do que apenas milhões e milhões de anos. Existem mais de um milhão de formas diferentes de vida animal na Terra e pelo menos duzentas mil espécies vegetais plenamente desenvolvidos. Como é que todas elas podem ter evoluído em apenas 4,5 bilhões de anos? Nem mesmo um animal no nível mais baixo da escala evolutiva poderia ter se desenvolvido nesse período, muito menos o homem, uma forma de vida avançada que só poderia ter se desenvolvido depois de passar por inúmeras etapas evolutivas.

Um matemático chamado Professor Patau fez alguns cálculos relativos às mudanças biológicas postuladas pela teoria da evolução. Segundo ele, mesmo uma pequena mudança em qualquer espécie levaria um milhão de gerações

para se completar. A partir daí já podemos ter uma ideia de quanto tempo passaria até que um cão, por exemplo, se transformasse num cavalo. As múltiplas mudanças envolvidas em um processo evolutivo tão complicado teriam levado tempo demais para acontecerem durante o tempo humano de vida do mundo.

Como diz Fred Hoyle, em *“The intelligent Universe”*: “A lentidão excruciante com que a informação genética se acumula por tentativa e erro pode ser vista a partir de um exemplo simples. Suponhamos, de forma muito conservadora, que uma determinada proteína é codificada por um pequeno segmento do DNA, apenas dez das ligações químicas da sua hélice dupla. Sem todas as dez ligações estarem na sequência correta, a proteína do DNA não funciona. Começando com todas as dez erradas, quantas gerações de cópias devem existir antes que todas as ligações - e, portanto, a proteína - estejam corretas em meio a erros aleatórios? A resposta é facilmente calculada a partir da taxa de erros de cópia das ligações do DNA, um valor que foi estabelecido por experiência”.

“Para obter a sequência correta de dez ligações através de cópias erradas, o DNA teria de reproduzir-se em uma média de cerca de cem milhões de vezes, com todos os membros da espécie produzindo descendentes, e ainda assim seriam necessárias milhões de gerações até que um único membro chegasse ao rearranjo necessário. E se isso parece estar dentro dos limites da possibilidade, considere o que acontece se uma proteína for mais complicada e o

número de ligações de DNA necessárias para codificá-la saltar de dez para vinte. Seriam então necessárias mil bilhões de gerações e, se forem necessárias 100 ligações (como é frequentemente o caso), o número de gerações seria impossivelmente elevado, porque nenhum organismo se reproduz com rapidez suficiente para conseguir isso. A situação para a teoria neodarwiniana é evidentemente desesperada. Pode ser possível aos genes serem ligeiramente modificados durante o curso da evolução, mas, claramente, a evolução de sequências específicas de ligações de DNA de qualquer comprimento calculável não é impossível” (p.110).

E, em todo o caso, como Hoyle já tinha afirmado anteriormente, “as alterações do código de DNA são desvantajosas porque tendem a destruir a informação genética cósmica em vez de melhorá-la”.

Para resolver este problema, outra teoria foi criada, chamada Teoria da Panspermia. Essa teoria defende que a vida teve origem no espaço exterior. De lá, veio para a Terra. Mas, como se verificou, essa teoria criou novos problemas próprios a ela. Aonde, na vastidão do espaço, existiu um planeta ou uma estrela com as condições necessárias para o desenvolvimento da vida? Por exemplo, não há nada mais essencial à vida do que a água. Nada existe ou continua a sobreviver sem ela. No entanto, não se conhece nenhum lugar no universo inteiro, exceto a Terra, onde ela exista. Havia então determinado corpo de intelectuais que defendia a teoria da Evolução Emergente, segundo a qual a vida - ou

as suas várias formas - surgiu de repente. Mas essa teoria é vazia. Como é que pode haver um surgimento súbito de vida sem a intervenção de uma força exterior? Assim voltamos ao ponto de partida, com a força – ou o Criador – exterior, na ausência da qual todas essas teorias foram originalmente inventadas.

O fato é que, sem ter em conta um Criador, não se pode dar uma explicação válida da vida. Simplesmente não há outra teoria que se encaixe no padrão do universo. Sendo inconsistentes com a natureza da vida, as outras teorias não conseguem criar raízes sólidas. É realmente significativo que acadêmicos eminentes de várias áreas tenham considerado adequado contribuir para uma Enciclopédia da Ignorância, que foi publicada em Londres. O livro tem a seguinte introdução:

“Na ‘*Encyclopaedia of Ignorance*’, cerca de 60 cientistas renomados analisam diferentes áreas de investigação, tentando apontar lacunas significativas no nosso conhecimento do mundo”.

O que esse trabalho realmente significa é um reconhecimento acadêmico do fato de o Criador do mundo tê-lo moldado de tal forma que não pode ser explicado por nenhuma interpretação mecânica. Por exemplo, como escreveu John Maynard Smith, a teoria da evolução está repleta de problemas “embutidos”. Parece não haver solução para esses problemas, pois tudo o que temos para nos guiar são teorias. E, sem provas concretas, não há forma de sustentarmos nossas teorias.

O ALCORÃO: UMA MARAVILHA PERMANENTE

De acordo com o Alcorão, o homem e todas as outras formas de vida foram criados por Deus. A teoria da evolução, por outro lado, defende que todos eles são o resultado de um processo mecânico cego. A interpretação do Alcorão se explica sozinha, pois Deus pode fazer o que quiser. Ele pode criar o que quiser sem recursos materiais. Não é o caso da teoria da evolução, que exige que haja uma causa para tudo o que acontece. Essas causas não podem ser encontradas, e com isso a teoria da evolução fica sem explicação, em um vazio intelectual por assim dizer, enquanto o mesmo não pode ser dito sobre a explicação da vida oferecida pelo Alcorão.

FILOSOFIA POLÍTICA

Foi o mesmo caso com a filosofia política. Segundo a edição de 1984 da “Enciclopédia Britânica”: “A filosofia política e o conflito político basicamente evoluíram em torno de quem deveria ter poder sobre quem” (14/697).

Por cinco mil anos, grandes cérebros humanos voltaram seus esforços para a busca por uma resposta a essa pergunta. E eles ainda não foram capazes de produzir o que Spinoza chamou de “base científica” sobre a qual se formar uma filosofia política coerente.

No total, existem mais de 12 escolas de pensamento político, que se dividem em duas grandes categorias: o despotismo e a democracia. A primeira é fortemente contestada, com o argumento de que não se pode encontrar uma boa razão para um único indivíduo tyrannizar toda a população de

um país ou países. Embora a democracia, ao contrário do despotismo, tenha tido um amplo apoio popular, ela também não forneceu soluções infalíveis nem para os problemas filosóficos nem para os práticos. O significado literal de democracia - uma palavra de origem grega - é o governo do povo. Essa noção foi amplamente aclamada como remédio para todas as doenças, mas, na prática, ela provou que é impossível estabelecer um governo da população inteira em qualquer país que seja. Se todas as pessoas forem governar, como poderão, ao mesmo tempo, serem governadas? Se todas as pessoas não podem ter o poder simultaneamente, como pode se formar um governo popular? Várias teorias foram propostas, a mais popular das quais é a de Rousseau: o governo deve ser deixado à vontade geral, e pode ser determinado por plebiscito. Mas, sendo esse um processo complicado e que demanda tempo (sem falar nos gastos envolvidos), o governo do povo torna-se, na realidade, o governo de alguns indivíduos eleitos. As pessoas podem ser livres de votar como quiserem, mas depois de terem votado, estão novamente sujeitas ao domínio de um grupo selecionado. Governadores democraticamente eleitos em todo o mundo são vistos assumindo o mesmo papel dos monarcas de épocas anteriores.

A noção de liberdade é tradicionalmente associada à democracia, mas também ela, enquanto sistema político, não necessariamente torna as pessoas mais livres do que se estivessem sob regimes abertamente opressivos. Apesar de a base inteira da democracia ser a crença de que as pessoas

nascem iguais, com direitos iguais e que são livres, Rousseau expressa a realidade mais imediata logo nas primeiras linhas de sua obra *Contrato Social*: “O homem nasce livre e em toda a parte encontra-se acorrentado”. Depois, há também a própria natureza do homem a ser considerada. Ele é um animal social. Longe de ser uma entidade independente neste mundo com a liberdade para viver como quiser, ele é parte integral do corpo da sociedade. Outro filósofo vai mais além dizendo que “O homem não nasce livre. O homem nasce na sociedade, que lhe impõe restrições”.

Claramente, a democracia, apesar de ser em geral uma melhoria do despotismo, não fornece automaticamente a chave para solucionar os problemas da liberdade individual restrita e da desigualdade social. Geralmente, em nome da democracia, uma monarquia dinástica é substituída por uma oligarquia eletiva, deixando ainda o indivíduo sentindo que não é mais que um peão na luta pelo poder. Nos séculos XVIII e XIX, o povo revoltou-se contra os sistemas monárquicos de governo, mas, uma vez livres do jugo do governo real, tiveram de se resignar a serem governados por um grupo da elite que se intitulava “representantes do povo” – o que não parecia muito uma melhoria de vida em relação aos antigos monarcas, que se tinham proclamado “representantes de Deus na terra”.

Todos os filósofos políticos foram pegos em contradições dessa natureza. E parece não haver saída para o impasse. Mesmo a dita “representação” do povo está sujeita a ser questionada. Tomemos o exemplo dos conservadores

britânicos que, em um ano, obtiveram uma vitória decisiva, conquistando uma maioria global de 144 lugares. No entanto, em termos de votos, a percentagem de votos dos conservadores (43%) diminuiu desde 1979, ou seja, no que diz respeito aos lugares, os conservadores obtiveram uma enorme maioria global. Mas, em termos de votos, apenas conseguiram reunir 43%. Será que se pode dizer que isto é verdadeiramente representativo do povo? O fracasso do homem nesse campo foi resumido nestas palavras: “A história da filosofia política, desde Platão até os dias atuais, mostra claramente que a filosofia política moderna continua a ser confrontada com problemas fundamentais”.

Na verdade, existe apenas uma filosofia política que não se contradiz, que é a filosofia apresentada pelo Alcorão. O Alcorão diz que só Deus tem o direito de governar o homem: “Diziam: ‘Temos nós algo da determinação?’ . Dize, Muhammad: ‘Por certo, toda determinação é de Allah’” (alcorão, cap. 03 vs. 154).

A ideia de Deus como Soberano permite um sistema de pensamento coerente, livre de todas as formas de contradição. Mas quando o homem é considerado soberano, há necessariamente contradições e inconsistências nas teorias políticas que se desenvolvem. O objetivo de todas as teorias políticas tem sido erradicar a divisão entre o soberano e os súditos. Porém, nenhum sistema humano, de qualquer natureza que seja, foi capaz de fazer isso. Tanto nos sistemas democráticos como nos totalitários, a igualdade humana permaneceu um ideal inatingível, pois o poder teve sempre de ser colocado nas mãos de alguns poucos indivíduos, com

os outros se tornando seus súditos. Essa disparidade só pode desaparecer quando Deus é considerado Soberano. Então, a única diferença que resta é entre Deus e o homem. Ele é o Soberano, todos são Seus súditos. Todos os homens são iguais perante ele. Não há divisão nem distinção entre um homem e outro homem.

INCONSISTÊNCIA DUPLICADA

Se as diferentes partes de um livro se contradizem, o livro é inconsistente em si. Se o conteúdo de um livro, como um todo ou em parte, contradiz fatos conhecidos, o livro é inconsistente com as realidades externas. O Alcorão afirma – com justiça – estar livre de qualquer tipo de inconsistência, ao passo que nenhuma obra de origem humana pode estar livre de qualquer uma delas. Segue-se, portanto, que o Alcorão deve ter uma origem sobre-humana. Se tivesse sido escrito por um ser humano, estaria permeado por inconsistências do tipo frequentemente encontrado nas obras do homem.

As contradições de uma obra resultam basicamente das deficiências de seu autor. Para que tais inconsistências sejam evitadas, duas coisas são essenciais: conhecimento absoluto e objetividade total. Não existe ser humano que não seja tristemente deficiente em ambas as áreas. Só Deus é onisciente e perfeito enquanto Ser, e enquanto as obras feitas pela mão humana são invariavelmente manchadas por inconsistências, o Seu livro, e só o Seu livro, nunca se contradiz.

Por causa das limitações inerentes ao homem, há muitas coisas que, intelectualmente, ele não pode compreender.

Ele é forçado, portanto, a especular, o que frequentemente o leva a julgamentos errôneos e rixas infundadas.

Todo ser humano passa da juventude à velhice e, quando um homem envelhece, geralmente contradiz as coisas que afirmava como fatos quando era jovem e imaturo. Com a idade, seu conhecimento e sua experiência aumentam, por isso, seu veredito final entra em desacordo com seus julgamentos iniciais. Mas, mesmo quando a morte o leva, ele ainda tem muito a aprender e, geralmente, as afirmações da sua idade mais madura revelam-se erradas após a sua morte. A verdade não é alcançada puramente através da experiência e do raciocínio.

Os seres humanos, para além de cometerem erros inadvertidos e involuntários, são demasiadamente propensos a fazer deturpações deliberadas dos fatos quando são motivados pelas emoções básicas da ganância, inveja, ciúme, vingança e medo.

As emoções e as paixões humanas são muitas vezes responsáveis pelo fato de as pessoas fecharem os olhos à verdade e serem vítimas de raciocínios errados. O amor e o ódio, a amizade e a hostilidade, todas tem influência no pensamento humano. A incapacidade do homem de ser imparcial, sua euforia ou depressão, seu triunfo ou desespero, seus êxitos e frustrações, tudo isto tinge a qualidade do seu pensamento. Essas flutuações de humor, capricho e obstinação podem desviar da verdade as melhores mentes.

O único que está isento de todo esse capricho e de todas essas limitações é o Todo-Poderoso. É por isso que Sua palavra é de impecável consistência.

INCONSISTÊNCIA BÍBLICA

Para ilustrar este tópico, vamos tomar o exemplo da bíblia, que, enquanto livro um livro da revelação, foi o precursor do Alcorão.

Inicialmente, a Bíblia era a palavra de Deus, mas, em anos posteriores, sofreu interferências humanas, o que fez com que muitas contradições internas começassem a macular suas páginas. Um exemplo disso é a genealogia do Messias, que foi dada em vários lugares na parte da Bíblia conhecida como “*Injil*”, ou Novo Testamento. O Evangelho segundo Mateus começa com essa genealogia resumida: “Livro da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mat.1:1).

A genealogia de Cristo é então dada em detalhe, começando com Abraão e terminando com José que, segundo o Novo Testamento, era “marido de Maria, da qual nasceu Jesus”. (Mat.1:16)

Quando o leitor vai ao evangelho de Marcos, encontra essas palavras: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, filho de Deus” (Mar., 1:1)

De acordo com um capítulo do Novo Testamento, Jesus era filho de uma pessoa chamada José, enquanto outro capítulo desse mesmo Novo Testamento diz que ele era o Filho de Deus.

Indubitavelmente, em sua forma original, o “*Injil*” era a Palavra de Deus, livre de todas as inconsistências. Foi apenas nos anos posteriores que os seres humanos fizeram suas

próprias adições, introduzindo contradições em um texto anteriormente consistente. A Igreja Cristã desenvolveu outra contradição extraordinária para explicar essa discrepância em seu livro sagrado. A descrição dada de José na Enciclopédia Britânica (edição de 1984) é a seguinte: “O pai terreno de Cristo, o marido da Virgem Maria”.

CONTRADIÇÕES SECULARES

Para um exemplo de uma grave contradição interna em escritos seculares, recorro às obras de Karl Marx, que possui muitos seguidores no mundo moderno. O famoso economista americano, John Galbraith, escreveu sobre ele: “Se concordarmos que a Bíblia é uma obra de autoria coletiva, só Muhammad rivaliza com Marx no número de seguidores professos e devotos recrutados por um único autor. E a competição não é realmente muito acirrada. Os seguidores de Marx são atualmente muito mais numerosos do que os filhos do Profeta”.

Mas a enorme popularidade de Marx não altera o fato de sua obra ser pouco mais do que uma coleção de evidentes contradições. Por exemplo, Marx considera a existência de classes como a raiz de todos os males do mundo. De acordo com a sua filosofia, a distinção de classes deriva do sistema de propriedade privada e que o controle exercido pela burguesia sobre os meios de produção lhes permite pilhar a classe trabalhadora mais baixa.

A solução prescrita por Marx consistia em confiscar as propriedades da classe capitalista e colocá-las sob a

administração da classe trabalhadora. Assim, afirmava ele, sociedade sem classes passaria a existir. Mas aqui reside a falha fundamental na filosofia de Marx. Pois o que surge como resultado dessa transferência não é uma sociedade sem classes, mas uma sociedade em que uma classe assume o lugar que a outra deixa para trás. Onde uma classe anteriormente controlava a economia em virtude da propriedade, outra classe agora a controla em virtude da administração. A dita sociedade sem classes de Marx era, na verdade, uma sociedade em que a propriedade capitalista era substituída pela propriedade comunista.

O que Marx condenava em um local, ele perdoava em outro. Mas devido à sua grande antipatia e antagonismo para com a classe capitalista, não foi capaz de ver sua própria contradição de pensamento. Ele era a favor de retirar o controle dos recursos econômicos dos capitalistas e confiá-lo a funcionários. Mas, cego pelo preconceito, fracassou em enxergar o que estava fazendo. Ele deu nomes distintos a duas formas diferentes do mesmo fenômeno: em um caso, em chamou de pilhagem de muitos por poucos, no outro, chamou de “ordem social”.

O Alcorão, por outro lado, é completamente livre de contradições dessa natureza, e há harmonia absoluta em seu conteúdo. Mesmo assim os opositores do Alcorão tentaram provar que há contradições nele. Todos os exemplos que citam a este respeito, no entanto, não têm absolutamente nenhuma relação com o caso que tentam provar. Eles dizem, por exemplo, que no sermão da Peregrinação de

Despedida, o Profeta afirmou que todos os homens vêm de Adão e que Adão vem da terra. De acordo com este princípio, as mulheres deveriam gozar do mesmo status que os homens. Na prática, porém, não é isso que acontece, dizem os opositores do Alcorão, que apontam para uma posição inferior atribuída às mulheres na sociedade islâmica. Depois, eles citam o fato de o testemunho de duas mulheres ser equivalente na lei ao de um homem. É verdade que isso acontece, mas somente em circunstâncias especiais, como fica claro no versículo do Alcorão onde essa regra foi determinada. O versículo em questão trata do registro escrito das dívidas:

“E tomai duas testemunhas dentre vossos homens. E se não houver dois homens, então um homem e duas mulheres dentre quem vós aceitais por testemunhas, pois se uma delas se descaminha da lembrança de algo, a outra a fará lembrar”.

A escrita do versículo mostra claramente que a base dessa regra não é a discriminação entre os sexos, mas sim a consideração quanto à capacidade inferior de memorização das mulheres. O que se alude é um fato biológico – que as mulheres não são tão boas em lembrar as coisas como os homens. É por isso que, se o testemunho das mulheres for aceito em casos de empréstimo, deve haver duas delas: para que, se em qualquer momento no futuro for solicitado a elas apresentarem provas, uma delas possa compensar a memória fraca da outra.

Deve-se ter em mente que qualquer outra interpretação dessa regra mostra uma má compreensão total das

escrituras. Deve-se ter em mente que a investigação moderna confirmou o que o Alcorão disse – que a memória das mulheres é mais fraca do que a dos homens. Os cientistas russos debruçaram-se sobre este assunto detalhadamente e suas conclusões foram publicadas em livro. Um resumo, intitulado “Capacidade de Memorização”, apareceu na edição de Nova Deli do jornal Times of India, em 18 de Janeiro de 1985:

“Os homens têm maior capacidade de memorizar e processar informação matemática do que as mulheres, mas as mulheres são melhores com as palavras”, afirma um cientista soviético (UPI). “Os homens dominam os assuntos matemáticos devido às peculiaridades da sua memória”, disse o Dr. Vladimir Knovalov à agência de notícias Tass.

A regra do Alcorão, longe de evidenciar qualquer contradição, na verdade prova que o Alcorão veio de Alguém que tem conhecimento absoluto dos fatos da existência. Ele vê as coisas de todos os ângulos e, por isso, está em posição de emitir mandamentos que estão em total harmonia com a natureza.

INCONSISTÊNCIA EXTERNA

Agora, voltamo-nos para a inconsistência externa. Inconsistência externa em uma obra literária ocorre quando o que se afirma é contradito por alguma realidade no mundo externo. Uma vez que o discurso e a escrita do homem ocorrem na esfera de seu próprio conhecimento,

que é marcado pelas limitações humanas, o que ele escreve ou diz não está de acordo com a realidade externa. Nós apresentamos aqui alguns exemplos comparativos para ilustrar esse ponto.

Certas tribos árabes antigas às vezes matavam seus filhos, na maioria dos casos as meninas, por medo de serem incapazes de alimentar uma família grande. Foi nesse contexto que o seguinte versículo foi revelado:

“E não mateis vossos filhos, com receio da indigência: Nós lhes damos sustento, e a vós. Por certo, seu morticínio é grande erro” (alcorão, cap. 17 vs. 31).

Estava implícita nesse pronunciamento do Alcorão a alegação de que o crescimento da população, em qualquer extensão e grau, não criaria um problema de sustento para o homem na terra; que haveria um equilíbrio favorável constante no sustento e na população humana; que haveria provisão adequada de sustento amanhã assim como há hoje.

Ao longo do tempo, os muçulmanos vêm defendendo que essa alegação é uma questão de fé. Eles deixam esse assunto para Deus, o Grande Provedor.

Mil anos após essa alegação ser feita pelo Alcorão, o economista britânico Robert Malthus (1766-1834) publicou em 1798 seu livro, “Ensaio sobre o Princípio da População”, no qual ele lança sua famosa teoria sobre o crescimento populacional. “A população, quando não controlada, cresce em progressão geométrica. A produção de alimentos só cresce em progressão aritmética”.

Simplificando: o crescimento populacional e o crescimento do sustento não são naturalmente iguais. A população cresce geometricamente, ou seja, na proporção 1-2-4-8-16-32, enquanto o crescimento da oferta de alimentos mantém uma progressão aritmética: 1-2-3-4-5-6-7-8. O sustento, portanto, não consegue acompanhar o crescimento astronômico da população humana. A única solução para esse problema, de acordo com Malthus, era a humanidade fazer um controle da taxa de natalidade. A população não deveria poder exceder um determinado limite, e se falhasse, o número de pessoas na terra se tornaria desproporcional à oferta de alimento disponível, desencadeando uma era de fome em que quantidade incontável de pessoas passaria fome até morrer.

O livro de Malthus causou uma forte impressão, ganhando apoio substancial dentre os escritores e pensadores, e levando ao lançamento de sistemas de controle de natalidade e planejamento familiar. Recentemente, no entanto, pesquisadores chegaram à conclusão de que Malthus estava errado em seus cálculos. Gwynne Dyer resumiu essa pesquisa em um artigo, provocativamente intitulado “Malthus: O Falso Profeta”., que apareceu no jornal “*The Hindustan Times*” (Nova Délhi) em 28 de dezembro de 1984:

É o 150º aniversário da morte de Malthus e suas cruéis predições ainda não se realizaram. A população mundial dobrou e redobrou em progressão geométrica como ele previu, apenas levemente controlada por guerras e outras

O ALCORÃO: O LIVRO DE DEUS

catástrofes, e agora soma oito vezes o total de quando ele escreveu. Mas a predição sobre o alimento mais do que acompanhou o passo, e a geração atual da humanidade é, em geral, a mais bem alimentada da história.

Malthus nasceu em uma era de “agricultura tradicional”. Ele foi incapaz de imaginar a chegada de uma era de “agricultura científica”, na qual avanços incríveis na produção se tornaram possíveis. Ao longo dos 150 anos desde a morte de Malthus, os métodos de cultivo foram radicalmente alterados. As plantações cultivadas são escolhidas por seu rendimento altamente particular. O gado é capaz de produzir uma quantidade de laticínio muito maior do que antes. Foram descobertos novos métodos de aumentar a fertilidade da terra. O maquinário moderno trouxe o cultivo para vastas áreas novas. Em países tecnologicamente avançados houve uma queda de 90% no número de agricultores: ainda assim, ao mesmo tempo, a produção da agricultura aumentou dez vezes.

No que se refere ao terceiro mundo, três bilhões de pessoas habitam esses países subdesenvolvidos, mas o terceiro mundo possui um potencial de produção alimentícia suficiente para 33 bilhões - dez vezes a população atual². De acordo com as estimativas da F.A.O., se o aumento na

² **N.T.** Considerar que este livro teve sua primeira edição publicada em 1986. Os números utilizados pelo autor não são perfeitamente exatos, visto que no ano de lançamento a população mundial era de cerca de 5 bilhões de pessoas. O número de 3 bilhões de habitantes é dos anos de 1960. Fonte: Banco Mundial.

O ALCORÃO: UMA MARAVILHA PERMANENTE

população dos países de terceiro mundo continuar como está, alcançando a marca de 4 bilhões no ano 2000, ainda assim não haverá motivo para preocupação. O aumento na população será acompanhado pelo aumento na produção: os meios estarão disponíveis para fornecer alimento para um número 1,5 vezes maior de pessoas a serem alimentadas. E esse aumento na produção alimentícia será possível sem desmatamento. Então não há perigo real de uma crise alimentícia, seja em escala regional ou universal. Gwynne Dwyer conclui seu relatório com as seguintes palavras: “Malthus estava errado. Não estamos condenados a nos reproduzirmos até passarmos fome”.

Onde o livro de Malthus sobre população e sustento - a obra de uma mente humana trabalhando dentro dos limites de tempo e espaço - se distanciou bastante em suas previsões para a raça humana (e isso foi provado ao mundo 150 anos após a morte do autor), o alcorão, por outro lado - obra de uma mente sobre-humana - ainda confirma realidades eternas até os dias de hoje.

IMPRECISÃO HISTÓRICA

No século XX a.c., na época do Profeta José, os filhos de Israel entraram no Egito. Sete séculos depois, deixaram o Egito juntamente com Moisés, atravessando a Península do Sinai. Esses acontecimentos são mencionados tanto na Bíblia como no Alcorão. Mas, enquanto o relato no Alcorão é inteiramente consistente com a história externa, a Bíblia relata vários incidentes que não correspondem com os

registros históricos. Esse fato criou problemas aos crentes na Bíblia. Eles devem aceitar o que está escrito na Bíblia ou devem seguir a história? Como os dois se contradizem, eles não podem aceitá-los ao mesmo tempo.

Em 12 de Janeiro de 1985, aconteceu uma reunião no Instituto Indiano de Estudos Islâmicos, em Tughlaqabad, Nova Deli, dirigida por Ezra Kolet, presidente do Conselho dos Judeus Indianos. O tema foi: “O que é o judaísmo?”. Naturalmente, sua fala abordou a história judaica, mencionando, dentre outras coisas, a entrada dos judeus no Egito e o êxodo do país. Os nomes de José e Moisés foram citados em sua fala, bem como os reis que governavam o Egito em suas respectivas épocas. Para ambos os reis contemporâneos de José e Moisés, usava-se o termo “faraó”. Como todos os que conhecem a época sabem, essa nomenclatura é historicamente incorreta. O reinado dos reis conhecidos como faraós só começou no tempo de Moisés; no tempo de José, uma linha diferente de monarcas governava o Egito.

Quando José entrou no Egito, eram os reis de uma dinastia conhecida como os Hicsos que governavam. Etnicamente, eles eram árabes e tinham usurpado o trono egípcio, governando o país desde 1630 a.c. até 1523 a.c. A população nativa então se revoltou contra o domínio estrangeiro e a dinastia dos Hicsos chegou ao fim.

O autogoverno autônomo foi então estabelecido no Egito. O clã que assumiu a soberania escolheu para si o nome de Faraó, que significa literalmente filho do deus-sol, pois

naquela época os egípcios adoravam o sol e, para reivindicar o direito de governar os egípcios, os governantes se faziam passar por encarnações do deus-sol.

Na realidade, o Sr. Kolet chamava os reis hicsos de faraós. Ele não tinha outra escolha, pois é dessa forma que são chamados na Bíblia, com referência às respectivas épocas de José e Moisés. Ele podia aceitar a Bíblia ou a história, mas não as duas coisas simultaneamente. Como ele estava falando na qualidade de presidente do Conselho Judaico, ele deixou a história de lado e pautou seu discurso nos relatos bíblicos.

Mas no Alcorão nós não encontramos relatos que entrem em conflito com a história nesse sentido, e quem segue o Alcorão não é obrigado a abandonar a história para defender seu Livro Sagrado. Quando o Alcorão foi revelado, as pessoas não tinham conhecimento da história do Egito antigo. Somente nos últimos anos é que as escavações arqueológicas permitiram aos egiptólogos compilarem um registro da história dos antigos reis egípcios.

Mesmo assim, o Alcorão menciona o monarca egípcio que foi contemporâneo de José, e refere-se a ele pelo título de “Rei do Egito”. Quanto ao rei que governava na época de Moisés, o Alcorão o chama, repetidamente, de Faraó. Temos assim um relato corânico que corresponde exatamente aos fatos históricos, ao contrário do relato bíblico, que é historicamente impreciso. Isto mostra que o Alcorão foi escrito, sem recorrer a fontes humanas de conhecimento, por Aquele que tem acesso direto à Verdade.

UM EXEMPLO DA HISTÓRIA

De acordo com a teoria evolucionista, o ser humano e as espécies animais descendem de um mesmo ancestral. Isto é, uma única espécie animal passou por muitos estágios de evolução gradual, resultando no desenvolvimento do chimpanzé, e por fim, do homo sapiens.

Mesmo se assumirmos a teoria da evolução como verdade, ficam algumas lacunas nesses estágios evolutivos, entre o animal e o ser humano, que precisam de explicação. Onde estão as espécies que ainda estão passando pelo processo de evolução, transitando entre as características animais e humanas? Apesar de nenhuma lacuna dessa natureza ter sido descoberta até hoje, os evolucionistas acreditam que essa tal espécie existiu e que um dia será descoberta.

Em 1912, os jornais ingleses alardearam a notícia de que um fragmento de um crânio antigo, metade macaco e metade homem, datado de um nebuloso período pré-histórico, tinha sido encontrado em Piltdown, fornecendo assim provas materiais que confirmavam a teoria da evolução de Darwin.

Este homem de Piltdown alcançou popularidade instantânea. O nome apareceu em livros didáticos de referência, como o *“Organic Evolution”* de R.S. Lull. Os principais intelectuais consideraram a descoberta como um dos grandes triunfos do homem moderno. Em obras autoritativas, como o *“Outline of History”* de H.G. Well e *“History of Western Philosophy”* de Bertrand Russell, ele foi mencionado como se não houvesse dúvidas sobre a existência do Homem de Piltdown.

O ALCORÃO: UMA MARAVILHA PERMANENTE

Por quase meio século, os acadêmicos ficaram encantados com essa “grande descoberta”. Foi somente em 1953 que alguns cientistas começaram a ter dúvidas. Eles extraíram o Homem de Piltdown da sua caixa de ferro à prova de fogo, no British Museum, e submeteram-no a uma análise científica moderna e detalhada, estudando-o de todos os ângulos relevantes. A conclusão final foi que o Homem de Piltdown era uma falsificação. A grande aclamação que ele tinha recebido foi totalmente infundada. O que realmente aconteceu foi que alguém, que desejava desacreditar um rival, prejudicando-o, pegou a mandíbula de um chimpanzé e tingiu-a para fazer parecer antiga, depois preencheu os dentes para parecerem humanos. Ele então apresentou seu “achado” ao British Museum, dizendo que o tinha encontrado em Piltdown, Inglaterra. Ele tinha a intenção de, mais tarde, revelar que se tratava de uma farsa para ridicularizar o seu rival, mas quando se deu conta da seriedade com que sua farsa tinha sido recebida por todos os cientistas ocidentais, teve medo de confessar, e seu silêncio perverteu o pensamento positivo sobre a evolução durante várias décadas (*Encyclopaedia Britannica*, 1984, Piltdown Man).

A MÚMIA DE MERNEPTÁ

Uma das previsões mais intrigantes feitas pelo Alcorão diz respeito a um faraó do Egito, chamado Merneptá, que era filho de Ramsés II. De acordo com os registros históricos, esse rei foi afogado quando perseguia Moisés no Mar Vermelho. Quando o Alcorão foi revelado, a única outra menção ao Faraó estava na Bíblia, sendo que a única

referência a seu afogamento está no Livro do Êxodo: “E as águas voltaram, e cobriram os carros, e os cavaleiros, e todo o exército de Faraó, que vinha atrás deles no mar; não ficou um só deles”.

Surpreendentemente, quando isso era tudo o que o mundo sabia sobre o afogamento do Faraó, o Alcorão produziu esta revelação espantosa: “Hoje salvar-te-emos o corpo, para que tu sirvas de sinal aos que serão depois de ti”.

Que extraordinário deve ter parecido esse versículo quando foi revelado. Naquela época, ninguém sabia que o corpo do faraó estava realmente intacto, e isso foi quase 1400 anos antes de esse fato ser conhecido. O professor Loret, em 1898, foi o primeiro a encontrar os restos mumificados do faraó que viveu no tempo de Moisés. Por três mil anos o cadáver permaneceu envolto em um tecido no túmulo da Necrópole de Tebas, onde Loret o tinha encontrado, até 8 de Julho de 1907, quando Elliot Smith o descobriu e o submeteu a um exame científico adequado. Em 1912, ele publicou um livro intitulado “*The Royal Mummies*”. Sua pesquisa provou que a múmia descoberta por Loret era, de fato, a do faraó que “conheceu Moisés, resistiu a seus apelos, perseguiu-o quando ele fugiu e perdeu a vida no processo”. Seus restos mortais foram salvos da destruição pela vontade de Deus, para se tornarem um sinal para o homem, como está escrito no Alcorão.

Em 1975, o Dr. Bucaille fez uma análise detalhada da múmia do Faraó, que tinha sido levada para o Cairo. Suas descobertas levaram-no a escrever com espanto e aclamação:

Aqueles que buscam nos dados modernos a

O ALCORÃO: UMA MARAVILHA PERMANENTE

prova das Sagradas Escrituras encontrarão uma magnífica ilustração dos versículos do Alcorão que tratam do corpo do Faraó, visitando a Sala das Múmias Reais do Museu Egípcio, no Cairo!

No início do séc. VII d.c., o Alcorão afirmou que o corpo do faraó tinha sido preservado como um sinal para o homem, mas foi só no século XIX que a descoberta do corpo deu provas concretas dessa previsão. Quais outras provas, de que o Alcorão é o Livro de Deus, são necessárias? Certamente, não há nenhum livro como esse, entre as obras dos homens.

FENÔMENOS NATURAIS

O Alcorão foi revelado em uma época em que pouco se sabia sobre a natureza. Acreditava-se, por exemplo, que a chuva se originava de um rio no céu que jorrava sobre a terra. Pensava-se que a terra era plana e que o céu era uma espécie de abóbada que repousava no topo das colinas, servindo de cobertura para a terra. As estrelas eram consideradas pregos brilhantes de prata colocados na abóbada do céu, ou pequenas lâmpadas que balançavam de um lado para outro à noite por meio de uma corda. Os antigos indianos defendiam que a Terra repousava sobre os chifres de uma vaca e que, quando a vaca deslocava a Terra de um chifre para o outro, provocava terremotos. Até a época de Copérnico (1473-1543 d.c.), acreditava-se que a Terra estava parada e que o Sol girava à sua volta (2 mil anos antes, Aristarco de Samos tinha proposto essa teoria, mas as suas ideias não vingaram). Com os avanços feitos no campo da ciência e da tecnologia,

o alcance da observação e da experimentação humana aumentou consideravelmente, gerando perspectivas de conhecimento sobre o universo. Em todas as esferas da existência e em todas as disciplinas da ciência, pesquisas posteriores provaram que os conceitos anteriormente estabelecidos estavam errados e descartaram-nos. Isso significa que nenhuma obra humana de 1500 anos atrás pode ser considerada totalmente exata, porque todos os “fatos” têm agora de ser reavaliados à luz de informações recentes. Na verdade, nenhum livro foi considerado totalmente isento de erros, com a notável exceção do Alcorão, cuja autenticidade resistiu a todos os desafios ao longo dos séculos. Isso constitui uma prova definitiva de que o Alcorão teve a sua fonte em uma Mente Onipresente e Eterna - que conhece todos os fatos e suas formas verdadeiras e cujo conhecimento não foi condicionado pelo tempo nem pelas circunstâncias. Se ele fosse uma invenção humana, não teria resistido ao teste do tempo, sendo a visão humana, pelo contrário, estreita e limitada.

O tema básico do Alcorão é a salvação na outra vida. É por isso que ele não se enquadra em nenhuma categoria das artes e ciências conhecidas do mundo. Mas como ele se dirige ao homem, abrange quase todas as disciplinas que lhe dizem respeito. Apesar da amplitude do seu escopo, nunca se demonstrou que suas afirmações tenham sido baseadas em conhecimentos incorretos. Bertrand Russell, na obra *“Impact of Science on Society”*, aponta que Aristóteles, filósofo de renome como era, ao “provar” a inferioridade das mulheres em relação aos homens, afirmou que “as

mulheres têm menos dentes do que os homens”, revelando assim a sua ignorância do fato de homens e mulheres terem o mesmo número de dentes. Não se encontra nenhuma ignorância ou equívoco do tipo no Alcorão. Isso mostra claramente que a origem dessa obra é um Ser superior cujo conhecimento antecede ao próprio tempo e ultrapassa infinitamente o conhecimento atual, por mais avançado que este possa parecer.

EXEMPLOS DA ASTRONOMIA

Referindo-se ao sol e à lua, o Alcorão nos diz que ambos os corpos celestes se movem em seus próprios cursos circular (*falak*) (36:40). O Dr. Maurice Bucaille, ao discutir esse versículo detalhadamente, atesta que *falak* aqui tem o significado científico de “órbita”, enquanto “flutuando” é o termo mais apropriado para descrever o movimento dos corpos celestes no vasto espaço.

O Dr. Bucaille escreve:

Mostra-se que o sol se move em uma órbita, mão não se tem qualquer indicação do que essa órbita possa ser em relação à terra. Na época da Revelação Corânica, pensava-se que o sol se movia e a terra fiava parada. Esse era o sistema do geocentrismo que predominava desde os tempos de Ptolomeu, no séc. II d.C. e continuaria dominando até o tempo de Copérnico, no séc. XVI d.C. Apesar de as pessoas defenderem esse conceito na época de Muhammad, ele não aparece em lugar nenhum no Alcorão (p.159).

O DESENVOLVIMENTO DA BIOLOGIA

Um exemplo interessante da presciência do Alcorão na biologia foi destacado na mídia por volta do final de 1984. O jornal canadense *The Citizen* (22 de novembro de 1984) publicou-o com a seguinte manchete:

“Ancient Holy Book 1300 Years Ahead of its Time” (“Livro Sagrado Antigo 1300 anos à frente de seu tempo”, em tradução livre).

O *The Times of India*, Nova Deli (10 de Dezembro de 1984) também noticiou:

“Koran Scores Over Modern Sciences” (“O Alcorão vence as ciências modernas”, em tradução livre).

Essa nova luz sobre antigos versículos corânicos foi lançada pelo Dr. Keith More, famoso embriologista e professor da Universidade de Toronto, no Canadá. Para fazer uma análise comparativa entre as afirmações do alcorão e as descobertas da pesquisa moderna em embriologia, ele fez um estudo aprofundado das descrições do desenvolvimento do feto, conforme dadas em versículos como 23:1 e 39:6. Nesse contexto, também visitou várias vezes a Universidade Rei Abdul Aziz em Jeddah, na Arábia Saudita, juntamente com os seus colegas. Ele verificou que as afirmações do Alcorão, surpreendentemente, correspondiam em detalhes com as descobertas modernas. Ele ficou muito surpreso com as informações contidas no Alcorão terem sido expostas pelo mundo ocidental só em 1940. Em um artigo que escreveu sobre isso, ele diz: “O Alcorão, com 1300 anos, contém passagens tão exatas sobre o desenvolvimento embrionário

que os muçulmanos podem certamente acreditar que são revelações de Deus”.

Pormenores convincentes podem ser obtidos a partir da análise que Maurice Bucaille faz em seu livro “A Bíblia, o Alcorão e a Ciência”, publicado em 1970. Reproduzimos aqui alguns excertos do capítulo intitulado “Reprodução Humana”.

EVOLUÇÃO DO EMBRIÃO NO ÚTERO

A descrição corânica de determinados estágios do desenvolvimento do embrião corresponde exatamente ao que hoje sabemos sobre ele, e o Alcorão não contém uma única afirmação passível de crítica pela ciência moderna.

Depois da “coisa que se agarra” (expressão bem fundamentada, como vimos), o Alcorão nos informa que o embrião passa pela fase da “carne mastigada”, depois aparece o tecido ósseo e é revestido de carne (definida por uma palavra diferente da anterior, que significa “carne intacta”).

Surata 2, versículo 14:

“Moldamos a coisa que se agarra em um pedaço de carne mastigada e formamos a carne mastigada em ossos e revestimos os ossos com carne intacta.”

“Carne mastigada” é a tradução da palavra “*mudqa*”, “carne intacta” é “*lahm*”. Essa distinção deve ser considerada. O embrião é inicialmente uma pequena massa. Em uma determinada fase do seu desenvolvimento, ela parece, a olho nu, uma carne mastigada. A estrutura óssea desenvolve-se

no interior dessa massa, no chamado mesênquima. Os ossos que se formam são cobertos de músculo: a palavra “*lahm*” aplica-se a eles.

Sabe-se que, durante o desenvolvimento embrionário, algumas partes parecem ser completamente desproporcionais em relação ao que mais tarde se tornará o indivíduo, enquanto outras permanecem proporcionais.

Este é, sem dúvida, o significado da palavra “*mukhallaq*”, que é “em forma proporcional”, utilizada no versículo 5 da sura 22 para descrever esse fenômeno:

“Nós formamos... em coisa que se agarra... em um pedaço de carne, em forma proporcional ou desproporcional.”

Mais de mil anos antes da nossa era, em um período em que doutrinas fantásticas ainda prevaleciam, aqueles que tiveram o privilégio de ter um conhecimento do Alcorão tiveram sorte, pois as afirmações que ele contém exprimem de forma simples verdades de suma importância que o homem levou séculos a descobrir.

ORIGEM DO UNIVERSO

O Alcorão diz:

“E os que renegam a Fé não viram que os céus e a terra eram um todo compacto (*ratq*), e Nós desagregamo-los (*fatq*)...” (21:30).

Ratq significa inteireza, compacidade, e *fatq* é seu oposto, ou seja, desintegração.

Estudos modernos em astronomia confirmaram a verdade desse conceito, tendo várias observações levado os cientistas a postularem que o universo foi formado por uma explosão a partir de um estado de alta densidade e temperatura (a teoria do “*big-bang*”) e que o cosmos evoluiu a partir do gás original altamente comprimido e extremamente quente, tomando a forma de galáxias, de estrelas, poeira cósmica, meteoritos e asteroides. O atual movimento das galáxias para o exterior é resultado dessa explosão. De acordo com a Enciclopédia Britânica (1984), essa é “a teoria atualmente favorecida pela maioria dos cosmólogos”. Uma vez iniciado o processo de expansão - há cerca de seis bilhões de anos - ele teve de continuar, porque quanto mais os corpos celestes se afastavam do centro, menos atração exerciam uns sobre os outros. As estimativas da circunferência da matéria original situam-na em cerca de 1 bilhão de anos-luz e agora, de acordo com os cálculos do Professor Eddington, a circunferência atual é dez vezes superior à original. Esse processo de expansão ainda está em curso. O Professor Eddington explica que as estrelas e as galáxias são como marcas na superfície de um balão que se expande continuamente, e que todas as esferas celestes estão ficando cada vez mais afastadas. O homem antigo supunha, erroneamente, que as estrelas estavam bem próximas umas das outras, como pareciam estar. É muito significativo que o Alcorão afirme na Sura 51, versículo 47: “E o céu, edificamo-lo com vigor, e por certo, somos Nós Que o estamos ampliando”. Agora a ciência revelou que desde que o universo surgiu, há 90 bilhões de anos a.c., a sua

circunferência estendeu-se de 6 mil para 60 bilhões de anos-luz. Isso significa que existem distâncias inconcebivelmente vastas entre os corpos celestes. E descobriu-se que eles giram como parte de sistemas galácticos, tal como a nossa Terra e os planetas giram em torno do Sol.

Tal como no sistema solar, muitos planetas e asteroides estão situados a grandes distâncias uns dos outros, mas giram de acordo com um sistema, e assim também cada corpo material é composto por inúmeros “sistemas solares” numa escala infinitesimalmente pequena. Estes sistemas são chamados átomos. Enquanto o vácuo do Sistema Solar é observável, o vácuo do sistema atômico é pequeno demais para ser visível. Todas as coisas, por mais sólidas que pareçam, são ocas por dentro. Por exemplo, se todos os elétrons e prótons presentes nos átomos de um homem de 1,80 m de altura fossem espremidos de tal forma que não restasse espaço, seu corpo ficaria reduzido a um ponto tão pequeno que só seria visível com um microscópio.

A galáxia mais distante já observada está situada a vários milhões de anos-luz do Sol. No entanto, afirma-se que, se a quantidade total de matéria cósmica, tal como foi calculado pelos astrofísicos - e é enorme - fosse comprimida de forma a eliminar todo espaço, o tamanho do universo seria apenas trinta vezes o tamanho do sol. Tendo em conta a recente evolução desses cálculos, é extraordinário que há 1500 anos o Alcorão tenha afirmado que o universo não só se expandiu a partir de uma forma condensada, mas que sua quantidade original de matéria permaneceu constante, de modo que

pode ser condensada em um espaço relativamente pequeno. Ele descreve assim o fim do Universo: “Um dia, dobraremos o céu como se dobra o rolo dos livros” (21:104).

A lua é nossa vizinha mais próxima no espaço, estando a uma distância da terra de 384.000 km. Devido a essa proximidade, sua força gravitacional afeta as ondas do mar, provocando um aumento extraordinário do nível da água duas vezes por dia. Em alguns pontos, as ondas chegam a atingir 18 m de altura. A superfície terrestre também é afetada pela atração lunar, mas apenas em termos de alguns centímetros. A distância atual entre a Terra e a Lua é ótima, do ponto de vista do homem, com várias vantagens. Se essa distância fosse reduzida, por exemplo, a apenas 80 km, os mares seriam tão tempestuosos que grande parte da terra ficaria submersa neles e, além disso, o impacto contínuo das ondas tempestuosas despedaçaria as montanhas e a superfície da terra, mais exposta à gravitação da lua, começaria a se abrir.

Os astrônomos estimam que no momento em que a Terra surgiu, a Lua estava perto dela e que a superfície da Terra tinha, por isso, sido exposta a todo tipo de perturbação. Com o passar do tempo, a Terra e a Lua foram se afastando, de acordo com as leis astronômicas, até a atual distância uma da outra. Os astrônomos afirmam que essa distância se manterá durante 1 bilhão de anos e que, depois, as mesmas leis astronômicas farão com que a Lua se aproxime novamente da Terra. Como resultado do conflito das forças de atração, a lua “explodirá quando estiver suficientemente

perto e glorificará o nosso mundo morto com anéis como os de Saturno”.

Este conceito confirma espantosamente a previsão do Alcorão. As linhas seguintes, além de apresentarem esse fenômeno como um fato físico, explicam o seu significado religioso:

A Hora aproxima-se e a lua fendeu-se. E, contudo, se eles veem um sinal. Dão de ombros e dizem: “É magia constante!”.

AS PROPRIEDADES MEDICINAIS DO MEL

O Alcorão nos informa sobre a propriedade medicina do mel (16:69). À luz desse versículo, os muçulmanos atribuíram grande importância ao aspecto medicinal do mel, e ele se tornou um importante ingrediente em sua farmacologia. Mas para o mundo ocidental, seu valor medicinal continuar desconhecido; o mel era considerado apenas um alimento líquido. Só no século XX os estudiosos europeus descobriram as propriedades antissépticas do mel.

Citamos aqui um resumo da pesquisa moderna sobre o mel publicada em uma revista americana:

“O mel é um poderoso destruidor dos germes que provocam doenças humanas. No entanto, foi só no século XX que este fato foi demonstrado cientificamente. O Dr. W.G. Sackett, do *Colorado Agricultural College* em Fort Collins, tentou provar que o mel era um portador de doenças, tal como o leite. Para sua surpresa, todos os germes de doenças que ele introduziu no mel puro foram rapidamente destruídos.

O ALCORÃO: UMA MARAVILHA PERMANENTE

O germe que causa a febre tifoide morreu no mel puro após 48h de exposição. A bactéria *Enteritidis*, causadora da inflamação intestinal, sobreviveu por 48h. Um germe resistente que provoca broncopneumonia e septicemia resistiu quatro dias. O *Bacillus coil Communis* que, em certas condições, provoca peritonite, estava morto no quinto dia da experiência. Segundo o Dr. Bodog Beck, existem muitos outros germes igualmente destrutíveis no mel. A razão para essa qualidade bactericida do mel, disse ele, está na sua capacidade higroscópica. Ele retira literalmente todas as partículas de umidade dos germes. Os germes, como qualquer outro organismo vivo, morrem sem água. Esse poder de absorção de umidade é quase ilimitado. O mel retira a umidade do metal, do vidro e até das rochas” (*Rosicrucian Digest*, Setembro, 1975, p. 11).

A SUPERIORIDADE DO ALCORÃO

A própria língua em que o Alcorão está escrito – o árabe – é uma espécie de milagre, constituindo uma espantosa exceção à regra histórica de que uma língua não pode sobreviver na mesma forma durante mais de 500 anos. No curso de cinco séculos, uma língua muda tão radicalmente que as gerações seguintes têm cada vez mais dificuldade para compreender as obras dos seus distantes antecessores. Por exemplo, as obras de Geoffrey Chaucer (1342-1400), pai da poesia inglesa, e as peças de teatro e a poesia de William Shakespeare (1564-1616), um dos maiores escritores da língua inglesa, tornaram-se quase ininteligíveis para os leitores do século XX e são agora lidas quase que

exclusivamente como parte dos currículos universitários com a ajuda de glossários, dicionários e “traduções”.

Mas a história da língua árabe é muito diferente, tendo resistido ao teste do tempo durante nada menos que 1500 anos. É claro que a redação e o estilo sofreram alguma evolução, mas não a ponto de as palavras perderem o seu significado original. Supondo que alguém que pertenceu aos tempos corânicos da antiga Arábia pudesse renascer hoje, a forma de linguagem com que se expressaria seria tão compreensível para os árabes modernos como era para os seus contemporâneos.

É como se o Alcorão tivesse colocado uma marca divina na língua árabe, detendo-a no seu curso, para que se mantivesse compreensível até o último dia. Assim sendo, o Alcorão nunca irá apenas acumular pó em alguma prateleira obscura de “Literatura Clássica”, mas será lido e inspirará as pessoas para sempre.

No campo da ciência, apesar dos grandes e rápidos avanços do conhecimento nos últimos anos, voltamos ao que foi afirmado no Alcorão, há tantos séculos, como tendo chegado à quintessência da questão. Assim como a língua árabe parece ter sido cristalizada num determinado momento – na verdade, no momento da revelação divina – também as ciências parecem ter sido detidas no seu curso, tendo o Alcorão a última palavra sobre assuntos que durante séculos estiveram além do conhecimento do homem e que ainda hoje, em muitos casos importantes, escapam à compreensão

intelectual do homem. O mais importante deles é a origem do universo.

A TEORIA DE NEWTON SOBRE A LUZ

Outro ponto sobre o qual a inteligência humana parece ter chegado a uma verdade científica importante é o da verdadeira natureza da luz. Foi Sir Isaac Newton (1642-1727) que apresentou a teoria de que a luz consiste em corpúsculos em movimento rápido que emanam da sua fonte e se dispersam na atmosfera. Devido à influência extraordinária de Newton, essa teoria corpuscular dominou o mundo científico durante muito tempo, porém foi abandonada em meados do século XIX em razão da teoria ondulatória da luz. Foi a descoberta da ação do fóton que deu o golpe final na teoria de Newton. “A obra de Young convenceu os cientistas de que a luz tem características ondulatórias essenciais, em aparente contradição com a teoria corpuscular de Newton”.

Levou apenas 200 anos para provar que Newton estava errado. O Alcorão, ao contrário, deu sua mensagem ao mundo no século VII e, mesmo após um lapso de 1400 anos, sua verdade emerge incólume. A razão para tal é o fato de a mensagem ter origem divina e não humana: a verdade absoluta das suas afirmações pode ser provada em todas as épocas - um atributo extraordinário que nenhuma outra obra pode alegar possuir.

A teoria da relatividade de Einstein declara que a gravidade

controla o comportamento dos planetas, das estrelas, das galáxias e do próprio universo, e o faz de forma previsível.

Essa descoberta científica já tinha sido desenvolvida na filosofia por Hume (1711-1776) e outros pensadores, que declararam que todo o sistema do universo era regido pelo princípio da causalidade, e que só quando o homem não tinha consciência disso é que se supunha que Deus controlava o universo. Pensou-se então que o princípio de causa e efeito dispensava logicamente a ideia de Deus.

Mas pesquisas posteriores contrariaram essa suposição puramente material. Quando Paul Dirac, Heisenberg e outros eminentes cientistas se dedicaram à análise da estrutura do átomo, descobriram que seu sistema contradizia o princípio de causalidade que tinha sido adotado com base nos estudos efetuados sobre o sistema solar. Essa teoria, chamada teoria da mecânica quântica, defende que, em nível subatômico, a matéria se comporta de forma aleatória.

A palavra “princípio”, na ciência, significa algo que se aplica em igual medida a todos os universos. Se houver um único caso em que um princípio não se aplique a algo, sua idoneidade acadêmica tem que ser questionada. Sendo assim, se a matéria não funcionasse de acordo com este princípio de causalidade, de uma forma exatamente semelhante ao nível subatômico, e ao nível do sistema solar, teria de ser rejeitada.

Einstein considerou essa ideia impensável e passou os últimos 30 anos de sua vida tentando conciliar essas aparentes contradições da natureza. Ele rejeitou a aleatoriedade da

mecânica quântica dizendo: “Não acredito que Deus jogue dados com o universo”. Apesar de seus esforços, ele nunca foi capaz de resolver este problema e parece que o Alcorão tem a palavra final sobre a realidade do universo. O fato de o universo não poder ser explicado em termos de conhecimento humano é bem ilustrado por Ian Roxburgh quando escreve:

As leis da física descobertas na Terra contêm números arbitrários, como a relação entre a massa de um elétron e a massa de um próton, que é de cerca de 1840 para um. Por quê? Será que um criador escolheu arbitrariamente estes números?

A ciência parece reconhecer o fato de que o universo jamais pode ser totalmente compreendido pelo conhecimento humano. Deve-se reconhecer que o universo é uma maravilhosa manifestação da vontade do Todo-Poderoso. É por isso que não se pode chegar a nenhuma explicação verdadeira a não ser com base no conceito da Vontade de Deus.

CAPÍTULO 2

O ALCORÃO — O MILAGRE DO PROFETA

Foi dado a todo Profeta um milagre – um sinal. O milagre do Profeta do Islam é o Alcorão. A profecia de Muhammad, que a paz esteja com ele, é válida até o Último Dia. Por isso, era imperativo que seu milagre também fosse um que durasse até o fim dos tempos. O Alcorão foi então designado ao Profeta como seu eterno milagre.

Os opositores do Profeta exigiram milagres, como aqueles realizados pelos Profetas anteriores, mas o Alcorão afirmou categoricamente tais milagres não seriam enviados (cap. 17 vs 59). Inclusive o Alcorão disse isso ao Profeta:

E se é difícil (para você) o desvio deles, então, se puder, busque um túnel na terra ou uma escada para o céu para trazer até eles um sinal (então que o faça!). E se Allah quisesse, teria reunido a todos em orientação. Portanto, de forma alguma, seja dos ignorantes.

Em vez disso, o livre revelado de Deus foi transformado em milagre do Profeta:

E eles dizem: “Que se faça descer sobre ele sinais de seu Senhor!”. Dize, Muhammad: “Os sinais estão apenas junto de Allah, e sou apenas evidente

admoestador”. E não lhes basta que façamos descer sobre ti o Livro que se recita para eles? Por certo há nisso misericórdia e lembrança para um povo que crê.

Há diversos aspectos diferentes da natureza milagrosa do Alcorão. Vamos nos ater aqui e a apenas três:

1. O idioma do Alcorão – o árabe – permaneceu sendo uma forma viva de comunicação ao longo dos séculos, diferentes de outras línguas.
2. O Alcorão é único dentre as escrituras divinas no sentido de seu texto ter permanecido intacto em sua forma original.
3. O Alcorão desafiou os que duvidavam a produzir um livro como ele. Ninguém foi capaz de cumprir esse desafio e produzir um livro comparável ao Livro de Deus.

As línguas em que todas as escrituras anteriores foram reveladas estão preservadas nos registros da história. A única exceção é o árabe, a língua do Alcorão, que ainda existe no mundo de hoje. Milhões de pessoa ainda falam e escrevem a língua em que o Alcorão foi revelado cerca de 1500 anos atrás. Isso é uma prova contundente da natureza milagrosa do Alcorão, pois nenhum outro livro na história foi capaz de impactar de tal forma sua língua e nenhum outro livro moldou todo um idioma de acordo com seu estilo nem se manteve nessa forma ao longo dos séculos.

Veja o *Injil*, conhecido como o Novo Testamento, cuja cópia

mais antiga está em grego e não em aramaico, língua a qual se acredita que Jesus falava. Isso significa que nós possuímos apenas um registro traduzido do que o Profeta Jesus disse e fez; e isso também em grego antigo, que é consideravelmente diferente do grego atual. Ao final do século XIX, a língua grega tinha mudado tanto que se desconhecia o significado que pelo menos 550 palavras no Novo Testamento — quase 12% do texto total. Naquela época, um especialista alemão, Adolf Deissman, descobriu alguns pergaminhos antigos no Egito. A partir deles percebeu-se que o grego bíblico era na verdade uma versão coloquial do grego clássico. Essa língua era falada na Palestina durante o primeiro da Era Cristã. Deissman conseguiu atribuir significados a algumas das palavras desconhecidas, mas restam ainda outras cinquenta palavras que continuam desconhecidas (*Os evangelhos e a história de Jesus* de Xavier Leon-Dufour S.J.).

Ernest Renan (1823-1894) realizou uma extensa pesquisa sobre as línguas semíticas. Ele escreveu um livro sobre os vocabulários semíticos, no qual ele disse o seguinte sobre a língua árabe:

“A língua árabe é a realização mais impressionante da história humana. Desconhecida durante o período clássico, ela surgiu de repente como uma língua completa. Após isso, ela não passou por nenhuma alteração notável, então não se pode definir para ela um estágio inicial ou tardio. Ela é hoje assim como era antes quando primeiro surgiu”.

Ao reconhecer essa “realização mais impressionante da história humana”, Renan, um orientalista francês, está na verdade reconhecendo a natureza milagrosa do Alcorão. Foi o estilo literário fenomenal do Alcorão que preservou a língua árabe da alteração, diferente do que aconteceu com outras línguas. O cristão Jurgi Zaydan (1861-1914) é um dos estudiosos que admitiram esse fato. Em um livro sobre literatura árabe ele escreveu:

“Nenhum livro religioso teve tanto impacto na língua em que foi escrito como o Alcorão teve na literatura árabe”.

As línguas do mundo mudaram tanto ao longo do tempo que nenhum especialista em qualquer língua moderna é capaz de entender sua forma antiga sem o auxílio de um dicionário. Há duas causas principais para a alteração de uma língua: perturbações da ordem social de uma nação e o desenvolvimento da literatura em tal língua. Ao longo dos séculos, esses fatores influenciaram a língua árabe assim como outras línguas. A diferença é que eles não conseguiram mudar a estrutura da língua árabe. O árabe que é falado hoje é o mesmo é o mesmo que era falado em Meca quando o Alcorão foi revelado. A *Ilíada* de Homero (850 a.C.), *Ramáiana* de Tulásidas (1623 d.C.) e os dramas de Shakespeare (1564-1616) são considerados obras-primas da literatura de suas respectivas línguas. Eles foram lidos e, no caso do *Ramáiana* e das peças de Shakespeare, foram apresentados continuamente desde a época em que foram escritos até os dias atuais. Mas nem seu valor literário nem

sua forma foram capazes de impedir que as línguas em que foram escritos fossem alteradas. O grego de Homero, o sânscrito de Tulásidas e mesmo o inglês de Shakespeare são agora línguas clássicas e não línguas modernas. O Alcorão é o único livro que moldou uma língua e a manteve no mesmo formato com o passar dos anos. Houve diversas agitações políticas e intelectuais nos países árabes, mas a língua árabe permaneceu como era quando o Alcorão foi revelado. Nenhuma mudança na ordem social árabe conseguiu alterar qualquer aspecto da língua árabe. Esse fato é um a clara indicação de que o Alcorão é advindo de uma fonte sobrenatural. Ninguém precisa pesquisar a fundo na história dos últimos 1500 anos para ver a natureza milagrosa do livro revelado ao Profeta Muhammad.

PERTURBAÇÕES SOCIAIS

O exemplo do latim mostra como as perturbações sociais afetam as línguas. Embora em época não distante a Itália tenha se tornado o centro do latim, tal língua não era produto original do país. Mais ou menos no séc. XII a.C., durante a Idade do Ferro, muitas tribos da Europa Central se espalharam por regiões em seu entorno. Algumas delas, principalmente as tribos dos Alpes, adentraram a Itália e se estabeleceram dentro e em volta de Roma. Sua própria língua se misturou com a de Roma, e foi assim que o latim se formou. No séc. III a.C., Livius Andronicus traduziu alguns contos e dramas gregos para o latim, tornando-o assim uma língua literária. O Império Romano foi estabelecido no primeiro século d.C. e o latim se tornou a língua oficial.

A força do latim foi ainda mais enfatizada com a difusão do cristianismo. Com o apoio de instituições políticas e religiosas e de forças sociais e econômicas, o latim continuou a se espalhar até que por fim chegou a dominar quase toda a Europa antiga. Na época de Agostinho de Hipona, o latim estava em seu ápice, e foi considerado o principal idioma internacional até a Idade Média.

O séc. VIII d.C. foi a época das conquistas muçulmanas. Os romanos foram forçados a se refugiar em Constantinopla, que se tornou a capital da metade oriental do Império, até que em 1453 os turcos tomaram Constantinopla e baniram os romanos de sua última fortaleza. A queda do Império Romano fez com que várias línguas florescessem, notadamente o francês, o italiano, o espanhol e o português. O latim teve uma forte influência em todas essas línguas, sendo a língua de origem delas, mas em si sobreviveu somente como língua oficial da Igreja Católica Romana. Não sendo mais uma língua viva, passou a gerar interesse apenas histórico, apesar de ainda continuar a fornecer as bases linguísticas de termos técnicos, legais e científicos. Sem um bom entendimento do latim, por exemplo, não é possível ler *Principia*, de Newton, no original.

Toda língua clássica seguiu o mesmo padrão, mudando no compasso das circunstâncias sociais, até que, por fim, a língua original deu lugar a outra, completamente modificada. Integração étnica, revoluções políticas e choques culturais sempre deixaram uma marca profunda nas línguas dos povos afetados. Esses fatores influenciaram a língua árabe

por cerca de 1500 anos, mas surpreendentemente ela permaneceu intacta. Essa extraordinária resiliência da língua árabe se deve puramente ao “feitiço milagroso” que o Alcorão lançou sobre ela.

Após a vinda do Islam, os árabes se estabeleceram em diversas partes da África e da Ásia, onde outras línguas, além do árabe, eram faladas. Porém, sua mistura com outras raças não teve nenhum efeito na língua dos árabes, que permaneceu em seu estado original. Há também exemplos de outros povos mudando para a língua árabe, tal como as tribos judaicas que saíram da Síria em 70 d.C. e se estabeleceram em Medina, onde, em contato com a tribo ‘Amaliqa, falante do árabe, adotaram o árabe como língua, apesar de o árabe falado por eles ser diferente do árabe comum, preservando uma forte influência hebraica.

No primeiro século após a revelação do Alcorão, o árabe foi exposto a uma série de influências que poderiam ter feito o árabe mudar radicalmente. Isso foi quando o Islam se espalhou dentre diversas tribos árabes, que começaram a congregar em cidades muçulmanas maiores. A entonação e o sotaque variavam de tribo para tribo. De tal forma que Abu ‘Amr ibn al-ula destacou que “a tribo Himyar não fala outro idioma; seu vocabulário é diferente do nosso”. ‘Umar ibn Khattab certa vez havia trazido ao Profeta um árabe que ele havia escutado recitando o Alcorão. O árabe pronunciava as palavras do Alcorão de uma maneira tão estranha que ‘Umar foi incapaz de distinguir qual parte do Livro de Deus ele estava lendo. O Profeta uma vez falou a uma delegação

de uma tribo árabe, que o estava visitando, no dialeto deles. Pareceu à ‘Ali que o Profeta estava falando em uma língua diferente.

A principal razão para essa diferença foi a variação do sotaque. Por exemplo, a tribo de Banu Tamim, que vivia no leste de Najd, não conseguia dizer a letra “j”, pronunciando o “y” em vez disso. A palavra para “mesquita” (“*masjid*”) era pronunciada por eles como “*masyid*”, e em vez de “*shajarat*” (árvores), eles diziam “*shárat*”. “Q” (letra Qaf) era pronunciada por eles como “j”, chamavam uma ‘*tariq*’ (estrada) de ‘*tarij*, um ‘*sadiq*’ (amigo) de ‘*sadij*, ‘*qadr*’ (valor) ‘*jadr*’ e ‘*qasim*’ (distribuidor) ‘*jasim*’. De acordo com padrões linguísticos normais, a união de tribos que falam dialetos variantes deveria ter provocado um processo de mudança na língua árabe, mas isso não aconteceu. A eloquência suprema da língua do Alcorão preservou o árabe de qualquer transformação do tipo. O que aconteceu, em vez disso, foi explicado pelo Dr. Ahmad Hasan Zayyat:

Após o advento do Islam, a língua árabe não continuou monopolizada por uma nação. Ela se tornou a língua de todos aqueles que adentraram na fé.

Então esses árabes muçulmanos abandonaram sua terra natal, conquistando territórios de Casgar no leste até o Gibraltar no oeste. Persa, copta, beribéri, hebraico, grego, latim, aramaico e siríaco estão entre as línguas faladas pelos povos com quem eles tiveram contato. Algumas dessas nações era política e culturalmente mais avançadas do que

os Árabes. O Iraque, baluarte de uma antiga civilização e centro cultural de maioria das tribos, foi um dos países em que eles entraram. Eles se misturaram com os iranianos, mestres de um dos dois maiores impérios do mundo. A civilização romana altamente avançada e uma religião cristã em expansão foram duas forças com as quais eles se chocaram. Dentre os países que eles ocuparam estava a Síria, onde tribos de fenícios, gassânidas, gregos, egípcios e cananeus deixaram para trás tradições marcantes na literatura e na ética. E então teve o Egito, ponto de encontro da filosofia oriental e ocidental. Esses fatores eram mais do que suficiente para transformar a língua árabe, como foi o caso com outras línguas expostas a forças parecidas. Mas elas foram ineficazes perante o Alcorão, uma espécie de excelência literária sem paralelo em tal nível que força alguma poderia sobrepujar o domínio da língua na qual ele foi escrito.

Com as conquistas do Islam, o árabe não mais pertencia a um só povo: ele se tornou o idioma de diversas raças e nações. Quando os 'Ajamis (povos não árabes) da Ásia e da África aceitaram o Islam, eles gradualmente adotaram o árabe como sua língua. Naturalmente, esses novos convertidos não eram proficientes em falar a língua dos árabes antigos. Então os árabes, por sua vez, foram afetados pela língua falada por seus novos correligionários. A deterioração da língua árabe foi especialmente evidente de forma geral em cidades cosmopolitas, onde havia maior mistura de raças. Primeiro foram afetadas as massas, aqueles que não davam

muita atenção a questões de beleza linguística. Mas a elite cultural também não permaneceu imune. Certa vez, um homem foi até a corte de Ziyad ibn Umayya e lamentou: “Nossos pais morreram, deixaram filhos pequenos”, dizendo “pais” e “filhos” no caso gramatical incorreto. Erros dessa natureza se tornaram comuns, no entanto a língua árabe continuou sendo essencialmente a mesma. Amparado pela eloquência suprema do Alcorão, o árabe escrito não foi corrompido pela degradação da versão falada. Ele permaneceu no formato do Alcorão.

Para ter uma prova da natureza milagrosa do Alcorão, basta olhar para todas as experiências traumáticas pelas quais os árabes passaram nos últimos 1500 anos. Se não fosse pela asa protetora do Alcorão, a língua árabe certamente haveria sido modificada. O modelo insuperável que foi estabelecido pelo Alcorão permaneceu como marca imutável do árabe padrão.

A queda da dinastia Omíada no segundo século da hégira lançou uma grande ameaça à língua árabe. Os Omíadas foram uma dinastia puramente árabe. Fortes apoiadores do nacionalismo árabe, eles levaram a promoção da literatura e da língua árabe quase que ao ponto da parcialidade. Sua capital estava situada em Damasco, no coração árabe. Em sua época, tanto a administração civil como a militar eram controladas pelas árabes. Agora os Abássidas assumiam as rédeas do poder. Uma vez que o apoio iraniano foi o que havia trazido o califado para os Abássidas, era inevitável que os iranianos permanecessem sendo forte influência no

governo deles. Essa influência levou a capital a ser transferida para Bagdá, quase na fronteira com a Pérsia. Os Abássidas deram carta branca aos iranianos nos assuntos dos governos, mas desprezaram os árabes e sua civilização, fazendo esforços consideráveis para enfraquecê-los, diferente dos Omíadas que haviam sempre preferido os árabes para os postos mais altos. Com o declínio do favoritismo árabe, elementos iranianos, turcos, sírios, bizantinos e beribéris recuperaram o controle de todos os assuntos da sociedade e do estado. Casamentos entre árabes e não árabes tornaram-se algo comum. Com a miscigenação das civilizações Ariana e Semita, a língua e a cultura árabe enfrentaram nova crise. Os netos dos imperadores e senhores da Pérsia rebelaram-se para ressuscitar a civilização de seus antepassados.

Esses eventos afetaram profundamente a língua árabe. O nível que ela havia alcançado na época do poeta Mutanabbi (915-965 d.C.) é expresso nas seguintes frases:

“As construções do Irã ultrapassam as demais em beleza tal qual a primavera vence todas as outras estações. Um jovem árabe vai a elas

Seu rosto, suas mãos, sua língua, um estranho em seu meio.

Salomão, dizem, conversava com os gênios

Mas se ele fosse visitar os iranianos, precisaria de um tradutor”.

(Diwan al-Mutanabbi)

Foi somente a grandiosidade literária do Alcorão que

impediu o árabe de ser permanentemente marcado por essas perturbações. A língua sempre retornou à sua base corânica, como um navio que após resistir a tempestades passageiras no alto mar retorna a salvo a seu porto.

Durante o reinado do califa Mutawakkil (822-861 d.C.) um grande número de ‘Ajamis – principalmente iranianos e turcos – entraram no território árabe. Em 1258 d.C., o guerreiro mongol Hulagu Cã saqueou Bagdá. Posteriormente, o império islâmico teve mais um revés, quando a Andaluzia foi tomada pelos cristãos. A dinastia Fatímida, que controlava o Egito e da Síria, também não durou muito: por volta de 1070, eles foram substituídos pelos turcos em vastas áreas do território árabe. Depois, o centro do governo islâmico mudou do Cairo para Constantinopla; o idioma oficial passou a ser o turco otomano em vez do árabe, que continuou a absorver diversas palavras e frases estrangeiras.

O mundo árabe passou 550 anos sob o estandarte dos reis ‘Ajamis (não árabes). Governantes persas, turcos e mongóis até tentaram erradicar todos os traços de língua árabe. Bibliotecas árabes foram incendiadas, escolas foram destruídas; os estudiosos da linguística se encontravam em desgraça. Os imperadores otomanos lançaram uma campanha antiárabe, convenientemente chamada de “Tatrik ul-arab” (“turquificação” dos árabes) pelo famoso reformador Jamal al-Dim al-Afghani (1838-97d.C.). Mas, nenhuma tentativa foi forte o suficiente para infligir qualquer marca permanente na língua árabe. Houve ataques

ferozes contra a língua e a literatura árabe, pelos tártaros em Bucara e Bagdá, pelos cruzados na Palestina e na Síria, depois por outros europeus na Andaluzia. De acordo com a história de outras línguas, esses ataques contra a cultura árabe deveriam ter sido suficiente para erradicar completamente a língua árabe. Era de se esperar que o árabe tivesse seguido o mesmo caminho das outras línguas, misturando-se com outras línguas semíticas. De fato, podemos dizer com sinceridade que se o árabe não tivesse sido alvo da ignorância dos turcos e da discriminação dos persas, teria se tornado a língua falada em todo o mundo muçulmano hoje. A própria sobrevivência do mundo árabe foi totalmente devido ao efeito milagroso do Alcorão, cuja grandiosidade forçou as pessoas a manterem a ligação com a língua árabe. Ela inspirou alguns sábios árabes – Ibn Manzur (1233-1311 d.C.) e Ibn Khaldun (1332-1406 d.C.) são dois que surgem na mente – a produzirem, desafiando o governo de então, obras de grande excelência literária e acadêmica.

A entrada de Napoleão no Cairo (1798) inaugurou a era da imprensa no Oriente Médio. A educação se tornou a ordem do dia. A língua árabe ganhou uma injeção de vida. Porém, os séculos de violência que a língua árabe havia recebido deixaram sua marca: em vez do árabe puro, uma mistura de árabe e turco foi estabelecida como língua oficial no Egito e na Síria.

A situação mudou novamente com a ocupação britânica do Egito em 1882. Eles se opuseram ao árabe com toda a força, instituindo a língua inglesa de forma obrigatória

nas escolas e eliminando outras línguas do currículo. Foi o mesmo com o francês em outras áreas onde eles haviam tomado o controle. Com os poderes coloniais forçando seus súditos a aprenderem seus respectivos idiomas, o árabe viveu sob a sombra do inglês e do francês por cerca de cem anos. Mas ainda assim, permanecia em sua forma original. Certamente, ele assimilou novas palavras – a palavra “*dabbaba*”, significando “tanque”, por exemplo, que era anteriormente usada para se referir a um aríete.³ Novos estilos de escrita surgiram. Se qualquer um fosse escrever um livro sobre o motivo de as pessoas adotarem o Islam, iria chamá-lo de “*Limaadha aslamna*” (Porque aceitamos o Islam) ao passo que em tempos mais antigos, preferiam-se os títulos rítmicos e decorativos. Muitas palavras foram adotadas pela língua árabe – a palavra inglesa “doctor”, por exemplo. Mas tais mudanças foram apenas na superfície. O árabe em si permaneceu o mesmo, conforme era séculos antes, quando o Alcorão foi revelado.

AVANÇO LITERÁRIO

Veja ou outra aparecem escritores de status excepcional no cenário literário de uma língua. Quando isso ocorre, a língua em que eles escrevem passa por uma mudança, pois suas obras primas literárias influenciam o modo da expressão popular. Dessa forma, as línguas estão continuamente

³ N.T. Um aríete era um tipo de máquina de guerra usada para derrubar muralhas, portões etc. de cidades fortificadas, constituído por um tronco de madeira resistente e por uma ponta de ferro ou outro metal em formato de cabeça de carneiro.

atravessando estágios evolutivos, até que finalmente se tornem um tanto diferentes de sua forma original. Isso não aconteceu com o árabe. No princípio da história da língua árabe, o Alcorão fixou um padrão literário que não podia ser superado. O árabe manteve seu estilo que havia sido estabelecido pelo Alcorão. Nenhuma obra prima que pudesse se comparar ao Alcorão poderia ser produzida após ele; então o árabe permaneceu moldado na forma daquela sinfonia divina.

Veja o exemplo do inglês. No século VII d.C. ele era apenas um simples dialeto local, não orientado para a expressão do profundo pensamento intelectual. Essa situação perdurou por mais quinhentos anos. Os normandos conquistaram a Inglaterra em 1066; quando Geoffrey Chaucer — fundador da língua — nasceu, em 1340, a língua oficial da corte ainda era o francês. O próprio Chaucer tinha domínio do latim, do francês e do italiano, além do seu inglês nativo. Esse, junto com outros de seus grandes dons intelectuais, possibilitou a ele tornar o inglês uma língua acadêmica. Usando as palavras de Ernest Hauser, ele deu à língua inglesa um “impulso firme” com sua obra “Os contos da Cantuária”. Chaucer transformou um dialeto em uma língua, pavimentando o caminho para o progresso por vir.

Por duzentos anos os escritores e poetas ingleses seguiram as diretrizes de Chaucer. Quando William Shakespeare (1564-1616) surgiu no cenário, o inglês deu mais um passo adiante. Seus dramas e poemas criaram um novo padrão literário, fazendo o inglês marchar ainda mais para frente.

A chegada da era científica duzentos anos depois causou um impacto tremendo em todas as camadas da sociedade. A língua agora começava a seguir as determinações da ciência. A prosa se tornou mais popular do que a poesia, expressão factual mais eficaz do que contar histórias. Dezenas de poetas e escritores, de Jonathan Swift (1667-1745) a T.S. Eliot (1888-1965) foram representantes dessa tendência. Eles foram criadores da era moderna da literatura inglesa pela qual estamos passando agora.

O mesmo se deu com outras línguas. Escritores ou grupos de escritores continuaram surgindo e se tornando mais populares do que seus antecessores. Quando apareciam, conduziam a língua por um novo curso. Por fim, todas as línguas mudaram tanto que se tornou impossível a uma pessoa entender a forma antiga de sua própria língua sem o auxílio de dicionários e comentários.

Só existe uma exceção a essa tendência universal, que é a língua árabe. A afirmação do Alcorão de que ninguém jamais seria capaz de escrever um livro igual a ele foi levada ao pé da letra. Para ter mais provas disso, basta olhar para as várias tentativas de se produzir uma obra igual ao Alcorão que foram feitas ao longo dos séculos. Todas as tentativas falharam tristemente. Musaillema ibn Habib, Tulaiha ibn Khuwailid, Nadhr ibn al Harith, Ibn al Rawandi, Abu al Ala al Ma'arri, Ibn al Muqaffa, Al Mutanabbi e muitos outros tentaram, mas seus esforços (como a extraordinária referência de Musaillema à "benção de Deus sobre as mulheres grávidas, extraíndo delas uma alegre vida, saída

de entre seu estômago e a membrana fetal”) soam ridículos quando comparados à majestade literária do Alcorão.

Mas a maior comprovação da afirmação do Alcorão de que ninguém será capaz de escrever um livro como ele (cap. 17 vs 88) vem do que Ernest Renan chamou de “milagre linguístico” da língua árabe. Assim como eu outras línguas, os mestres da língua árabe – grandes poetas e escritores – surgiram ao longo do tempo. Mas, nos mais de 1400 anos desde que o Alcorão foi revelado, ninguém foi capaz de produzir uma obra que o superasse. Seu padrão jamais foi melhorado e a língua árabe permaneceu no curso que lhe foi estabelecido pelo Alcorão. O impacto que o Alcorão teve na língua árabe é como o de um escritor que produz uma obra prima de excelência literária insuperável bem no início da história da língua. Depois de tal personalidade deixar sua marca, nenhum escritor menor conseguirá mudar a cara da língua. O Alcorão, revelado no árabe de então, foi moldado em uma forma literária mais elevada do que jamais foi visto antes ou depois dele.

Inserindo acréscimos vitais aos modos tradicionais de expressão, o Alcorão abriu as portas para a expansão da língua árabe. O uso da palavra “um” (*ahad*) no 112º capítulo do Alcorão, cujo título é “unicidade”, é um bom exemplo. Anteriormente, ela era usada no caso genitivo para expressar “um de nós”, por exemplo, ou para o “primeiro dia” da semana, Domingo, ou “*yawm al ahad*”. Ela foi usada para negações em geral, como em “*ma ja’ni ahadun*”, ou “nem uma pessoa veio me ver”. Mas ao usar *ahad* como um

atributo de Deus Todo-Poderoso, o Alcorão coloca a palavra em um uso totalmente novo. O Alcorão trouxe o uso de muitas palavras estrangeiras no árabe, por exemplo: *istabraq* do persa, *qaswara* da língua abssínia, *sirat* do grego, ‘*yamm*’ do siríaco, *ghassaq* do turco, *qistas* do latim, ‘*malakut*’ do aramaico e ‘*kafoor*’ do hindi. O Alcorão nos diz (cap. 25 vs 60) que os idólatras de Meca ficaram perplexos com a palavra “*rahman*”. Eles diziam: “O que é esse ‘*rahman*’?”. Isso porque essa palavra não era árabe: ela tem origem nas línguas sabaico e himiarita. Os cristãos do Iêmen e da Abissínia chamavam Deus de “*rahamnan*”. Os mecenos consideravam essa palavra estrangeira quando ela apareceu no Alcorão em forma arabizada. Eles questionaram o que significava “*rahman*”, pois desconheciam sua origem linguística. Cerca de cem palavras não árabes dessa natureza são usadas no Alcorão, oriundas de línguas distantes como persa, latim, língua nabateia, hebraico, siríaco, copta e muitas outras.

Apesar de o Alcorão ter sido revelado majoritariamente na língua dos Coraixitas, as palavras usadas por outras tribos árabes também foram incluídas. Abdullah ibn ‘Abbas, um muçulmano coraixita, ficou intrigado quando a palavra “*fatir*” apareceu no Alcorão: “Eu não conhecia o que a expressão ‘Originador dos céus e da terra’ significava”, explicou ele. “Então, eu ouvi um árabe dizer que ele tinha ‘originado’ também, quando ele tinha começado a cava, e eu soube o que ‘*fatir*’ significava”. Abu Huraira disse que ele nunca tinha ouvido a palavra ‘*sikkin*’ até que ele a ouviu no

capítulo de José no Alcorão. “Nós sempre chamamos faca de ‘*mudiya*’”, disse ele.

Como apontou Jalaluddin Suyuti em seu livro *Al-Itqan*, muitas palavras eram pronunciadas de formas diferentes pelas várias tribos árabes. O Alcorão pegou algumas dessas palavras e as usou em suas formas mais refinadas. Os coraixitas, por exemplo, usavam a palavra “*a’ata*” para “ele deu”, enquanto os himiaritas pronunciavam-na “*anta*”. O Alcorão preferiu “*a’ata*” em vez de “*anta*”. Da mesma forma escolheu “*asabi*” em vez de “*shanatir*” e “*dhi’b*” em vez de “*kata*”. A tendência geral de preferir formas coraixitas foi às vezes revertida, como na frase “*layalitikum min a’amalikum*” ou “nada será retirado de suas ações”, que foi emprestado do dialeto de Bani’ Abbas.

Ao conceder nova profundidade e beleza a palavras e expressões do árabe antigo, o Alcorão estabeleceu um padrão de excelência literária que nenhum escritor futuro poderia melhorar. Ele revisou certas metáforas, rephraseando-as de um modo mais eloquente do que já havia sido ouvido antes. Foi assim que um antigo poeta árabe descreveu a impermanência do mundo:

Mesmo que ele desfrute de um longo período de vida segura, o filho de toda mãe será carregado em um caixão.

O Alcorão coloca a mesma ideia nas palavras pungentemente sucintas: “Toda alma experimentará a morte” (cap. 3 vs 185). A matança e a pilhagem constituíam um grande problema na antiga Arábia. Certas frases tinham sido

cunhadas para expressar a ideia de que apenas a matança pode colocar um fim à matança, e essas eram consideradas altamente eloquentes na época pré-islâmica. “Matar alguém é dar vida ao todo”, disse alguém. “Matem mais, para que possa haver menos morte” e “A matança coloca fim na matança”, são alguns exemplos. O Alcorão expressou essa ideia nestas palavras: “E no talião há vida para vós, ó dotados de discernimento” (cap. 2 vs 179).

Na época pré-islâmica, a poesia tinha uma posição de importância no árabe, assim como em outras línguas do mundo. A expressão poética das ideias tinha uma posição de destaque no cenário literário. O Alcorão, no entanto, saiu desse caminho batido e usou a prova em vez da poesia. Isso em si é prova de que o Alcorão veio de Deus, pois no século VII d.C., somente Deus – que conhece o futuro assim como conhece o passado – poderia saber que a prosa, e não a poesia, seria escolhida como meio para a escritura divina que duraria por todo o tempo. O Alcorão se dirigia às gerações futuras, e logo a poesia se tornaria menos importante como meio de comunicação em massa. A linguagem retórica também estava em voga antes do Alcorão, mas pela primeira vez na história literária, o Alcorão introduziu o estilo factual em vez do retórico. Os assuntos mais famosos tratados na literatura anteriormente eram as façanhas militares e românticas. O Alcorão, ao contrário, continha um espectro mais abrangente, incluindo em seu escopo assuntos de importância ética, legal, científica, psicológica, econômica, política e histórica. Em épocas antigas, as parábolas eram

um modo popular de expressão. Aqui também o Alcorão pisou em terreno novo, adotando um método mais direto de dizer as coisas. O método do raciocínio empregado no Alcorão também foi consideravelmente diferente daquele usado em épocas pré-corânicas. Enquanto tudo que o mundo conhecia antes eram provas puramente teóricas e analógicas, o Alcorão introduziu o raciocínio empírico e científico. E para coroar todas essas conquistas, o Alcorão expressou tudo isso em um estilo literário refinado, que se provaram imperecíveis em tempos porvir.

Havia um ditado árabe que dizia: “o poema mais doce é aquele que tem mais mentiras”. O Alcorão modificou isso, introduzindo um novo modo articulado de se expressar (cap. 55 vs 4) baseado em fatos verificáveis em vez de fábulas hipotéticas. Agora o árabe seguia o Alcorão. A literatura árabe pré-islâmica foi registrada e compilada, tendo em mente a preservação e o entendimento da língua do Alcorão. Grandes departamentos de aprendizado, facilitando o entendimento do Alcorão e explicando suas ordens e proibições, passaram a existir. O aprendizado da gramática árabe, sua sintaxe e etimologia, tradições e teologia islâmica, assim como estudos corânicos, tinham o objetivo de nos ajudar a entender a mensagem do Alcorão. Mesmo os assuntos de história e geografia foram considerados como parte da tentativa dos árabes de entender e praticar os ensinamentos do Alcorão. Não há nenhum outro exemplo na história do mundo de qualquer outro livro que tenha tudo um impacto tão grande em um povo e em sua língua.

Com o desenvolvimento e o aperfeiçoamento da língua árabe, o Alcorão se tornou uma esplêndida obra prima literária. Qualquer um que conheça o árabe pode apreciar a qualidade única do estilo do Alcorão se comparado ao de qualquer outra obra da literatura árabe. O Alcorão foi escrito em um estilo divino amplamente superior a qualquer coisa a que os humanos possam almejar. Nós vamos encerrar este capítulo relatando uma história que demonstra claramente a diferença entre a obra de Deus e a do homem. Retirado do comentário do Alcorão do Sheikh Tantawi: *Al-Jawahir fi Tafsir Al-Quran Al-Karim*. Tantari escreve:

Em 13 de junho de 1932, eu conheci um escritor egípcio, Kamil Gilani, que me contou uma história impressionante. Um dia ele estava com um orientalista americano chamado Finkle, com quem ele tinha um profundo relacionamento intelectual. “Diga-me, você ainda é um dos que consideram o Alcorão um milagre?”, sussurrou Finkle no ouvido de Gilani, acrescentando uma risada que indicava que ele ridicularizava essa crença. Ele pensava que os muçulmanos só podiam ter essa crença se tivessem fé cega. Ela não poderia ser baseada em nenhum raciocínio sólido e objetivo. Pensando que tinha conseguido atirar bem no alvo, Finkle estava visivelmente satisfeito consigo. Vendo essa atitude, Gilani também começou a rir. Ele disse: “Antes de emitir qualquer pronunciamento no estilo do Alcorão, deveríamos ver primeiro se podemos produzir qualquer coisa comparável a ele. Só quando emprendermos uma tentativa é que vamos poder dizer de forma conclusiva se os humanos podem produzir algo comparável ao Alcorão

ou não”. Então Gilani convidou Finkle a se juntar a ele para colocar uma ideia corânica em palavras árabes. A ideia foi: o inferno é extremamente vasto. Finkle concordou e ambos se sentaram com papel e caneta. Juntos, eles criaram cerca de vinte frases em árabe. “*O inferno é extremamente vasto*”, “*o inferno é mais vasto do que vocês podem imaginar*”, “*O intelecto do homem não consegue apreender a vastidão do inferno*” e muitos outros exemplos dessa natureza foram algumas das frases que eles escreveram. Eles tentaram até que não conseguiram pensar em nenhuma outra frase que expressasse essa ideia. Gilani olhou para Finkle triunfante: “Agora que fizemos o nosso melhor, devemos conseguir ver como o Alcorão é superior a todas as obras dos homens”, disse ele. “Como? O Alcorão expressou essa ideia mais eloquentemente?”, questionou Finkle. “Nós somos iguais a crianças pequenas se comparados com o Alcorão”, disse-lhe Gilani. Impressionado, Finkle perguntou o que estava no Alcorão. Gilani recitou este versículo de Surat Qaf: “Um dia, diremos ao inferno: ‘Já estás repleta?’, e ele dirá: ‘Há mais, ainda?’” (50:30). Finkle ficou estarrecido ao ouvir esse versículo. Impressionado com a eloquência suprema do Alcorão, ele admitiu abertamente sua derrota: “Você está certo, você está certo”, ele disse, “Eu reconheço a derrota sem restrições”. Gilani respondeu: “Você reconhecer a verdade não é nada estranho, pois você é um homem das letras, bem ciente da importância do estilo na língua”. Esse orientalista em particular era fluente em inglês, alemão, hebraico e árabe, e passou o resto de sua vida estudando a literatura dessas línguas. (Sheikh al-Tantawi al-Jauhari, *Al-Jawahir fi Tafseer Al-Qur’an Al-Kareem*, Vol. 23, pp. 111-12).

CAPÍTULO 3

ALCORÃO: A VOZ DE DEUS

Recentemente eu estive estudando o marxismo em considerável detalhe, e formei a impressão de que Marx era um homem de espírito e intelecto extraordinários. Poucos homens de tamanho talento aparecem nos anais da história. No entanto, quando ele devotou sua mente à melhoria da condição humana, os remédios oferecidos por ele foram incomparáveis em tolice. Por que disso? A principal razão é que ele não fez nenhum estudo do Alcorão. Ele não consultou a grande fonte de conhecimento, sem a qual não se pode chegar a nenhuma opinião sólida e definida quanto às vicissitudes da existência humana. Devemos admitir que o universo é um mistério e que o único livro que pode desvendar esse mistério para nós é o Alcorão. Nenhum simples mortal pode resolver os mistérios da vida e do universo sem as revelações do Livro de Deus.

As medicações são acompanhadas por bulas que explicam quais doenças elas podem curar, como elas devem ser usadas e qual é a sua fórmula. Mas o homem nasce neste mundo em numa condição tal que ele não sabe nem o que ele é e nem porque foi colocado aqui. Nenhum manual conveniente o acompanha, também não existem sinalizações fixadas nos topos das montanhas para lhe dar direções ou fornecer respostas para suas perguntas. Em consequência disso, o

homem formou opiniões estranhas sobre si, sobre a terra e o céu, ignorando a realidade essencial da vida. Quando ele examina seu próprio ser, parece-lhe que ele é um acúmulo sensacional de poderes físicos e intelectuais. Porém, ele não desejou a existência de si mesmo nem teve qualquer participação em sua própria criação. Então ele olha para o mundo exterior e para um universo de tão extrema vastidão que ele não consegue nem apreender nem atravessar, nem consegue contar os inúmeros tesouros contidos dele. O que é tudo isso e por que está aí? De onde se iniciou esse mundo e onde ele termina? Qual é o propósito de toda essa existência? Ele se encontra completamente no escuro quanto a esses assuntos. Foi dado ao homem, é claro, um par de olhos, mas tudo que seus olhos podem ver é o exterior das coisas. Ele tem inteligência, mas o problema da inteligência humana é que ela nem conhece a si mesma. Até agora, o homem não foi capaz de descobrir como os pensamentos entram na mente humana ou como a mente funciona. Com faculdades tão incapazes, ele não foi capaz de chegar a nenhuma conclusão sólida sobre si mesmo e nem foi capaz de entender o universo.

Esse enigma é resolvido pelo Livro de Deus. Hoje, o Alcorão é a única escritura abaixo dos céus sobre o qual nós podemos dizer com completa convicção que nos dá conhecimento definido sobre todas as realidades da vida.

Aqueles que tentaram entender o universo sem o recurso do Livro de Deus são como pessoas cegas que tentam descobrir o que é um elefante tocando diferentes partes

de seu corpo. Um toca a perna e pensa que encontrou um pilar. O outro toca na orelha e pensa que é uma joieira. Seu dorso é considerado uma plataforma, sua cauda uma cobra e sua tromba uma mangueira. Mas onde em tudo isso está o elefante? Não importa como essas pessoas cegas reúnem suas descobertas, elas não chegam a uma resposta correta. Esse é o dilema de todos os filósofos e pensadores ateus. Em sua tentativa de apreender a natureza da realidade do universo, eles falharam em seus guiados pelo verdadeiro conhecimento. Como resultado, suas conclusões foram aquelas de um homem hesitante em meio à escuridão, apenas arriscando palpites sem nexos sobre a natureza de seu entorno, sem jamais realmente entendê-lo.

Existiram pessoas neste mundo que devotaram suas vidas inteiras à busca pela verdade, mas que, em seu desespero de não conseguirem encontrá-la, chegaram ao extremo de até mesmo colocar fim à suas próprias vidas. E depois existiram aqueles outros que buscaram a verdade, mas que, falhando em encontrá-la, conformaram-se com uma filosofia inventada baseada em pura conjectura. Enquanto estes, tomando conjecturas por razão, compilaram suas conclusões e apresentaram-nas ao mundo como Verdade, aqueles viram a especulação tal qual ela é, rejeitaram-na e então – angustiados com seu desamparo – escolheram deixar este mundo misterioso.

Ambos os grupos negaram o Verdadeiro Conhecimento, pois, na realidade, ninguém pode entender o segredo da vida sem a ajuda do Guardião original do Segredo. Verdade,

o homem recebeu a capacidade de pensar e entender. Mas essa capacidade não é pouco melhor do que os olhos que só podem enxergar até onde houver uma fonte externa de luz. Em escuridão total, os mesmos olhos não conseguem ver coisa alguma. Somente quando uma luz é acesa tudo fica claramente visível. O intelecto humano, assim como os olhos, precisa de luz – a luz da revelação de Deus – se não quiser ficar tateando no escuro. Sem a revelação de Deus, jamais poderemos chegar à verdade das coisas.

Certa feita, um sábio conhecido meu comentou que o aprendizado – assim pensa-se – não é adquirido por meio da leitura de livro após livro ou completando uma sequência de graduações em faculdades e universidade, mas ele consiste, em sua forma suprema, de fé. O Alcorão afirma o mesmo, que “em verdade, são os tementes a Deus que são os conhecedores”. Mas ele não conseguiu apreender o significado disso, ele disse. Eu respondi: “Karl Marx é considerado um ‘Profeta’ na área da economia, mas ele não tinha uma gota do verdadeiro conhecimento que hoje, pela graça de Deus, você detém”. Deparando-se com um mundo no qual uma pequena parcela de senhores feudais e magnatas da indústria tinham posse de uma parcela desproporcional da riqueza disponível, enquanto a maioria das pessoas vivia em uma pobreza miserável, Marx concluiu que o que havia na raiz dessas disparidades era o então sistema de posse que fazia com que os produtos fossem produzidos não para utilização do produtor, mas para o lucro que eles renderiam ao serem vendidos aos outros. Isso permitia

que os poucos privilegiados se comportassem como saqueadores, amontoando lucros e aumentando suas posses em detrimento de seus colegas. O remédio proposto por Marx foi abolir as posses de uma vez por todas e transferir os meios de acúmulo de riquezas para o setor público. Seria então confiada ao governo a organização de um sistema público de criação e distribuição de riqueza que serviria aos interesses de todos.

Nesse momento em particular, eram aqueles que possuíam o capital necessário que estavam na posição de obter lucros. A questão agora que surgia era sobre a vantagem de ter o governo no total controle desses fundos para transformá-los em tesouro público. Esse novo grupo de pessoas – os membros do governo – não ficariam tentados, enquanto indivíduos, a fazer o mesmo que seus antecessores capitalistas, considerando que eles também estariam investidos dos poderes militar e legislativo? A análise de Karl Marx era que o sistema de posse era falho por causa de ciúme e das oportunidades que ele dava para a total pilhagem. De acordo com ele, tais problemas sociais desapareceriam em uma sociedade comunista. Perguntei ao meu amigo: “agora me diga, Karl Marx estava certo em pensar assim?”. Ele respondeu: “Certamente não. A ideia de prestação de contas na outra vida é a única coisa neste mundo que pode purificar o homem de tendências cruéis e egoístas”. “Essa é a verdadeira resposta para o problema”, eu disse. “Pois a teoria inventada por Karl Marx resultou em uma opressão e crueldade ainda maiores do que nos

dias em que os poderes políticos e econômicos estavam nas mãos dos czares e dos capitalistas. Agora, sob o sistema comunista, os poderes dos czares e dos capitalistas foram condensados em um, e é o homem comum que sofre”.

Todos esses filósofos que tentaram – sem Deus – resolver o enigma do universo caíram nas mesas armadilhas que Marx. Quanto ao pensamento deles, ficamos chocados com como intelectos tão grandiosos produziram sugestões tão infantis. Eles são como o grupo de cegos tentando, tateando, definir um elefante e declarando, e definitivo, que ele é quatro pilares ou quatro troncos de árvore. É somente quando a vida e o universo são examinados à luz do Livro de Deus que tudo se mostra claramente em sua forma real; assim, mesmo uma pessoa com capacidades comuns não vê dificuldade em entender a verdade das coisas. À primeira vista, ele vai direto ao coração do assunto. Para a pessoa que não possui esse conhecimento, porém, o universo não senão um labirinto no qual ele vagueia perdido e perturbado.

Devemos muito às ciências humanas. Mas o máximo absoluto que podemos aprender com elas é o que é o universo. Até agora, elas não nos deram um pingão de conhecimento sobre porque o universo é como é. Reúna alguns gases, sais e minerais, e você terá um ser humano consciente e em movimento. Coloque sementes no solo e brotarão plantas e árvores. Faça uma mudança em números atômicos e diversos elementos aparecerão. Com apenas dois gases, a água – o bem mais precioso – está pronto. O vapor produzido por movimento molecular na água dá às

máquinas inanimadas o poder de se moverem. Os elétrons em um átomo são muito pequenos para serem vistos no microscópio, mas eles são uma fonte vital de um poder colossal destruidor de montanhas. Tudo isso são questões de fato. Eventos científicos ocorrem como descritos. Mas essa descrição é o limite externo do “conhecimento” científico. Quando questionamos por que as coisas são como são, e por que as coisas ocorrem como ocorrem, a ciência humana não nos dá nenhuma orientação.

Estudos em astronomia mostram que o número de estrelas no céu é tão grande quanto o de grãos de areia nas costas marinhas do nosso planeta, sendo muitas delas vastamente maiores em tamanho do que a Terra, algumas de perímetro tão grande que seria possível acomodar centenas de milhares de Terras dentro delas e ainda sobraria espaço. Algumas poucas são grandes o suficiente para conter milhões e milhões de Terras. O universo é tão vasto que um avião voando na maior velocidade que existe, i.e. a velocidade da luz (299.792.458 m/s), levaria cerca de dez bilhões de anos para completar uma única viagem ao redor do universo inteiro. Mesma em uma circunferência tão gigante, esse universo não é estático, mas está se expandindo a cada momento em todas as direções. Tão rápida é essa expansão que, de acordo com uma estimativa de Eddington, a cada 1.3 bilhões de anos, todas as distâncias do universo dobram. Isso significa que mesmo nosso avião imaginário viajando na velocidade da luz jamais conseguiria voar por toda a extensão do universo, porque ele jamais conseguiria acompanhar sua

expansão sem fim. Essa estimativa da vastidão do universo é baseada na teoria da relatividade de Einstein. Mas isso é só a hipótese de um matemático. Para falar a verdade, o homem ainda tem que compreender a vastidão do universo.

Estudos humanos nos trazem frente a frente com esse universo impressionante. E lá eles nos deixam. Eles não nos dizem o verdadeiro significado do universo. Eles não nos dizem quem causa os eventos, em nos dizem de quem é a mão que controla as grandes esferas girando na vastidão do espaço. Se nós quisermos ter respostas para essas perguntas, é para o Alcorão que devemos nos voltar. Se quisermos saber como as coisas começam a existir, como elas são mantidas e qual será o futuro delas, é somente o Alcorão que pode nos dizer. Ao fazer isso, ele nos fará conhecer o Senhor e Mestre do universo, revelando diante de nós a natureza sublime de Sua obra.

O Alcorão presta testemunho verbal da soberania de Deus. Ele descreve com grande poder e clareza, a força determinante, oculta e grandiosa que opera em todo o mundo e nos dá informação definitiva sobre as realidades metafísicas que escapam de nossas mãos e aos nossos olhos. Ele não só decifra os fatos da existência como também cria uma extraordinária galeria de palavras-imagens que trazem diante de nossos olhos um mundo jamais visto até então.

O Livro Sagrado não apenas nos diz que Deus existe como também pinta uma imagem incrivelmente vívida do Ser que sustenta e dirige o universo. Não só nos conta sobre a próxima vida como também descreve o Dia do Julgamento

de forma tão gráfica que seus horrores ficam profundamente gravados em nossa consciência. Há uma história bem conhecida de um artista grego que pintou uma imagem tão realística de um cacho de uvas que os pássaros vinham até ela e bicavam. Imagine bem, se uma pintura executada por um mortal comum causou um impacto tão extraordinário, que nível de maestria artística não seria alcançada pelo Senhor dos Mundos em Sua criação do Alcorão? Será que um mero mortal conseguiria apreciar verdadeiramente a perfeição de tal arte?

O Alcorão inicia com as palavras “Louvado seja Allah, o Senhor dos Mundos”. Essa invocação tem um significado grandioso. Ela significa: “Graças a Deus, Criador e Sustentador de todas as criaturas no mundo”. Um mestre e sustentador é aquele que é repleto de profunda preocupação com seus dependentes e supre todas as suas necessidades. A maior necessidade do homem é saber quem ele é, de onde ele veio e para onde ele vai. Ele também precisa saber o que ganhará e o que perderá. Se ele fosse levado a uma região do espaço na qual não houvesse nem ar nem água, isso não seria uma calamidade tão grande para ele como se encontrar em um mundo sem qualquer conhecimento exato de sua origem ou de seu destino final.

Deus tem mais compaixão por Suas criaturas do que um pai por seu próprio filho. Portanto, é inconcebível que Ele visse essa necessidade em Seus servos e a deixasse sem ser atendida. Através da revelação, Ele enviou o conhecimento que o homem precisa ter para poder entender a si mesmo, e

Ele o enviou de uma forma que pudesse ser transmitido por meio da língua humana. Este é o maior favor que o Senhor fez a Seus servos.

Um homem que percebe a que ponto precisa da ajuda de seu Criador para adquirir conhecimento sentirá seu coração simplesmente transbordar de gratidão e louvor por seu Senhor, quando ele vê que favor Ele mostrou para com ele ao enviar o Alcorão. As palavras: “Louvado seja Allah, o Senhor dos Mundos!” saem espontaneamente de dentro dele. Essas são as palavras de um verdadeiro servo de Deus inspiradas neles pelo próprio Deus. Mesmo quando se trata de uma questão de como o homem deve servir a seu Senhor ele precisa de orientação de seu Criador. O desejo de servir pode ser em si instintivo, mas o servo que quer ser devoto não sabe de que maneira pode expressar isso. O Alcorão, então, é explícito a respeito disso, e até fornece a ele as palavras exatas a serem usadas. Nesse aspecto, as orações do Alcorão são as dádivas mais sublimes.

O Alcorão não é um livro no sentido comumente aceito da palavra. Ele é muito mais um relato do esforço final de transmitir a mensagem do Islam. Desde os tempos mais remotos, Deus enviou conhecimento da verdade através de seus emissários especialmente escolhidos. No século VII da Era Cristã, foi a vontade de Deus que aos habitantes da Terra fosse finalmente dado o conhecimento da verdade e que uma sociedade fosse fundada sobre as bases desse conhecimento para ser uma fonte de iluminação e um exemplo para toda a raça humana até o Último Dia.

ALCORÃO: A VOZ DE DEUS

De acordo com esse objetivo, Deus fez surgir Seu último Profeta na Arábia, e encarregou-o com a missão de propagar essa mensagem dentre os árabes. Aqueles que foram influenciados por sua pregação receberam a tarefa de divulgar a mensagem por todo o mundo. Ao divulgar o verdadeiro conhecimento e ao estabelecer uma sociedade baseada nele, o Profeta trabalhava com a orientação divina. Deus enviou Sua Palavra ao Profeta, revelando-lhe o que deveria pregar e dando-lhe as provas de que necessitava para fazer com que sua pregação fosse eficaz. Quando seus opositores levantaram objeções, ele foi capaz de lhes dar respostas que os silenciavam. E quando aqueles que aceitaram a mensagem depois mostravam alguma fraqueza, ele podia imediatamente trazê-los ao livro e reformá-los.

Além disso, o Alcorão formulou regras para guerra e paz, e determinou os princípios para educação e orientação. Ele deu consolo a seus adeptos em momentos de adversidade e quando triunfaram ele deu os moldes legais com os quais a sociedade poderia ser construída de novo. 23 anos se passaram entre o começo e o fim. Em cada estágio durante esse período, Deus Todo-Poderoso, Luz do Mundo, enviou orientação nem forma de mandamentos para a humanidade. Essas diretrizes foram depois compiladas, de acordo com Seu plano, em uma sequência específica. É essa compilação que é chamada de Alcorão.

O Alcorão é o mais autêntico registro do verdadeiro chamado surgido na Arábia com o último Profeta, que foi guiado à sua profecia pelo próprio Deus. Ele é uma

coletânea de instruções divinas, enviado para orientação desse movimento em diferentes épocas durante cerca de um quarto de século. Mas o Alcorão não é meramente um registro histórico. Ele é uma proclamação divina válida para todos os tempos e feito em molde histórico para ser apresentado de forma significativa para a humanidade. É também uma proclamação permanente no sentido de que decidirá o destino – bom ou não – dos seres humanos em cada época, de acordo com a vontade de Deus.

A várias partes do Alcorão foram separadamente transmitidas no decorrer de um longo período de tempo, dependendo das exigências locais. Dessa forma, essas diferentes porções não vieram como mero fruto do acaso. Elas eram parte de um plano bem ordenado perfeito em sua concepção – que teve sua origem em um mundo sobrenatural. Por terem sido descidas de acordo com as circunstâncias, elas não estavam originalmente em uma sequência regular. Mas quando o plano chegou à conclusão, foi reunido em um todo completo, de acordo com um padrão definido, que é incomparável em sua consistência. Desta forma, ele é distintamente diferente do tipo de antologia que apresenta seleções de discursos feitos por líderes políticos dos dias atuais.

Talvez nós possamos ter uma imagem mais clara de como o Alcorão foi montado se nós imaginarmos a comparação de uma fábrica que está sendo construída na Índia, para a qual o equipamento está sendo produzido em um país do outro lado do oceano.

Esse equipamento para a fábrica tem que ser fabricado em partes separadas em diferentes unidades de produção. Essas partes devem então ser carregadas em diferentes navios e enviadas para a Índia. Ao longo dos vários estágios de sua fabricação, nossa fábrica irá necessariamente parecer a um leigo como uma massa heterogênea e incompleta de objetos. Mas tão logo todas as partes do equipamento, vindas em diferentes navios, sejam corretamente montadas, elas tomaram a forma de uma fábrica completa, pronta para entrar em funcionamento. Foi exatamente da mesma forma que o Alcorão foi montado para produzir um código moral completo e permanente para todos os seres humanos. É por isso que, apesar de ser formado de elementos tão diferentes, ele tem uma uniformidade impressionante. Foi por ele carregar uma mensagem que impelia o homem a transformar um ambiente hostil em favorável que ele precisava ser revelado de forma gradual, atendendo assim às necessidades das diferentes circunstâncias. Historicamente falando, ele é uma compilação de uma grande diversidade de determinações, mas o plano divino de um Deus Onipotente e Onisciente o tornou um todo uniforme e bem ordenado. Tantos livros foram escritos sobre todos os ramos de conhecimento e sobre cada assunto relacionado possível – até hoje, milhões de livros foram impressos e publicados – que levaria mais do que a vida inteira para alguém ler todos. Mas o Alcorão é um livro do tipo que, mesmo se alguém pudesse estudar todos os livros do mundo, sua orientação ainda seria uma necessidade primária. Certamente,

qualquer pessoa só pode se beneficiar do estudo de outros livros se tiver primeiro ganho, a partir do Alcorão, aquela profundidade de visão que é a base para o discernimento genuíno em todos os assuntos relevantes. Sem o Alcorão, o ser humano é como um navio à deriva no vasto oceano sem uma bússola. Assim como um transatlântico fica perdido sem uma bússola, também o homem precisa da revelação divina para conduzi-lo pelos emaranhados da existência humana. Somente aquele que recebeu sua parcela da luz divina será capaz de navegar pelo oceano da vida.

Aqueles a quem é negada, ou que renegam a si mesmos, a iluminação divina serão bruscamente lançados nos mares da vida e possivelmente irão naufragar em recifes escondidos sem terem jamais conseguido alcançar uma conclusão satisfatória para suas questões.

O Alcorão preenche esse vácuo na natureza humana que em todos os períodos da história colocou o homem em desacordo consigo mesmo. Rousseau disse que o homem nasce livre, mas que em todo lugar ele se encontra acorrentado. Eu diria que, ao contrário, o homem nasce sendo escravo, mas busca de forma não natural fazer de si mesmo um mestre. Por fora, o homem parece ser autossuficiente, mas em seu interior mais íntimo, ele é uma teia complexa de necessidades. Para meramente sobreviver, o homem precisa de ar, água e frutos da terra. Da mesma maneira, para sustentar a vida do espírito, ele tem a necessidade de um auxílio externo. O homem requer instintivamente um suporte no qual pode se apoiar em momentos de dificuldade; ele precisa de alguém

perto de si que possa atender suas necessidades quando estiver em dificuldade; alguém perante o qual ele possa se prostrar em agradecimento quando a felicidade vier a seu encontro. Um homem se afogando no oceano precisa que uma boia salva vidas seja jogada para ele. Igualmente, um homem perdido em um universo vasto e abismal precisa de uma corda espiritual na qual possa se agarrar. Ninguém, não importa quão grandioso, está livre desta necessidade. É um vazio que precisa ser preenchido. Se nós preenchermos esse vazio com o Ser Divino, estaremos seguindo o princípio do monoteísmo. Mas se abandonarmos Deus e procurarmos pelo auxílio de outro, desceremos ao politeísmo.

Em cada período da história o homem foi forçado a buscar por um ou por outro desses dois auxílios. Em tempos remotos, aqueles que aderiram ao monoteísmo dependiam de um único Deus para ter ajuda, e hoje, eles ainda dependem d'Ele e somente d'Ele. Mas a direção daqueles que aderiram ao politeísmo continuou mudando. O homem antigo, e muitas pessoas, mesmo em tempos mais recentes, adoravam incontáveis objetos, variando desde as estrelas que brilham no céu às árvores e pedras e outros objetos escolhidos aleatoriamente. Hoje, objetos como nação, país, progresso material e poder político assumiram o lugar dos antigos objetos de adoração. Tais são os deuses das pessoas, adaptados por eles para especificamente preencher o vazio em seus corações. Mas mesmo com tudo isso, as pessoas ainda necessitam de um destino final na batalha da vida que transcenderá o plano do materialismo puro.

Elas ainda precisam de alguém ou alguma coisa para amar. Elas ainda anseiam por algo cuja semelhança possa ser um acalento para seus corações e que revitalize seus espíritos. No entanto, assim como os ídolos feitos de pedra nunca prestaram nenhum apoio real nem deram qualquer auxílio no passado, também os ídolos mais resplandecentes de hoje não o fazem, pois, frágeis e efêmeros como são, eles não conseguem dar a uma nação nenhuma força de verdade.

Os alemães, por exemplo, idolatravam sua nação, mas, longe de estar ao lado deles, ela os levou ao ponto da destruição na 2ª Grande Guerra. A Itália e o Japão idem, mas seus respectivos ídolos não puderam salvar seus países de se tornarem cemitérios para seus povos. A Inglaterra e a França também fizeram seus ídolos com seus recursos materiais, mas mesmo assim os impérios de ambos os países rapidamente encolheram, e o sol se pôr por fim no império britânico, um império sobre o qual se dizia que “o sol nunca põe”.

O Alcorão nos mostra onde realmente está a força nesse mundo, nos dando uma empunhadura em uma corda que nunca se arrebenta. Sem isso, não temos apoio real na vida. Além do mais, é somente por meio de nossa ligação com Deus que os seres humanos conseguem se segurar firme no laço que nos une uns aos outros.

O Alcorão explica que é somente esse Deus Único que nos sustenta ao longo de nossas vidas aqui nesta terra. Com Ele nossos corações se tranquilizam, pois Ele é quem fornece o verdadeiro entusiasmo na vida. Ele nos salva em tempos

de perigo, nos auxilia na hora da necessidade. Todo poder está em Suas mãos: honra e glória serão as recompensas de qualquer nação que busque por Ele por ajuda, enquanto desgraça e humilhação serão o quinhão daqueles que O abandonam. Ter ciência disso é possuir a chave de todos os tesouros na vida. Aquele que possui essa chave ganha tudo. E aquele que a perde, perde tudo.

Nós atribuímos grande importância aos cientistas que descobriram a energia elétrica e a vapor, dando assim à civilização humana oportunidades de progredir. Mas a grandiosidade da realidade que esse livro expõe diante de nós é incomensurável. Ele não só nos dá conhecimento das máquinas, mas dos seres humanos para quem essas máquinas foram feitas. Ele nos fala sobre o homem, e o homem em troca aprende o segredo para uma vida de sucesso.

O Alcorão, antes de qualquer coisa, é a proclamação de Deus. Assim como qualquer soberano sensato tem uma Constituição, assim também é o Alcorão uma Constituição do Todo-Poderoso, do Mestre do homem, do Rei dos reis. De forma simples, o Alcorão é o livro de todas as diretrizes, que mostra ao homem o caminho certo a trilhar. Ele é uma luz que guia os passos hesitantes, que dá ao homem lembretes oportunos da vontade de Deus, despertando sua natureza sonolenta e transmitindo a admoestação do Senhor. É um livro que, ao dar a ele o senso moral para distinguir o certo do errado, cura a ele, e a sociedade, de todas as doenças. Nesse sentido, ele é um livro de sabedoria, cheio de toda expressão de entendimento correto. Mais ainda,

ele é um livro de leis, que estabelece para nós os próprios alicerces sobre os quais construir e organizar a sociedade. Em resumo, ele dá ao homem tudo o que o homem – enquanto indivíduo e enquanto membro da sociedade – possa precisar. Sem isso, o homem jamais pode ser um ganhador, não importa o quanto tente.

Como é possível ao homem entender se ele conseguiu desenvolver um relacionamento com Deus ou não? Só há uma resposta para essa pergunta: voltando seus olhos para dentro e julgando seu ser interior se posiciona em relação ao Alcorão. O grau de adoção do homem aos princípios do Alcorão será uma indicação certa de sua ligação com seu Criador. Se o Alcorão é o livro ao qual ele mais dá valor, fica evidente que Deus é mais amado para ele do que qualquer outro. Mas se algum outro livro for considerado com mais apreço por ele, então a pessoa mais importante de sua vida será seu autor e não seu Criador. Assim como é impossível encontrar o verdadeiro Deus em qualquer lugar que não seja o Alcorão, assim também é impossível que, após encontrar Deus, qualquer livro que não o Alcorão seja mais precioso para ele. Pois o Alcorão é o livro de Deus. É o meio através do qual o Todo-Poderoso conversa com Seus servos, Seu representante vivo nesta terra. É uma balança na qual a devoção do homem ao seu Criador pode ser medida.

Quando o homem teme ficar sozinho, sem apoio, em um universo incomensurável, o Alcorão dá paz à sua mente esclarecendo seu destino e direcionando-o a ele. No Alcorão o homem encontra seu Senhor, vê Suas promessas

e se alegra com Suas boas novas. Dessa forma, o Alcorão preenche o homem com convicção suficiente para definir seu lugar no mundo. Ao dar uma forma concreta aos sentimentos instintivos que permeiam o subconsciente do homem sobre seu Senhor e Mestre, o Alcorão firma seus pés bem e verdadeiramente no caminho da submissão a Ele. Ao fazer isso, ele traz o homem para mais perto de Deus.

Na busca por descobrir qual é a vontade de Deus, apenas ler o Alcorão não é suficiente: o indivíduo deve ficar profundamente absorto nele. É somente quando o indivíduo estabelece uma ligação de grau forte com o Alcorão que ele consegue acessar todas as vantagens que ele oferece. O indivíduo precisa estar vinculado com o Alcorão como em um contrato – *ta'ahud* (o termo usado pelo Profeta) para colher seus benefícios. Essa consciência da grandiosidade do Alcorão, e sua consequente adesão a ele, não podem vir em segundo plano. Isto é, o indivíduo pode ouvir um exegeta ou homem das letras discursar sobre o Alcorão e pode formar uma ótima opinião de seu orador e de suas realizações, mas essa não é a maneira de se formar uma ligação genuína com o Alcorão em si. O real vínculo com o Alcorão só pode ser forjado se o próprio indivíduo ler as escrituras sagradas, tendo assim acesso direto a seu conteúdo. Somente assim sua sabedoria estará gravada na memória. Somente assim ele será apreciado pelo que realmente é.

Isso não é uma mera invenção da imaginação. Isso é justificado pela psicologia básica. Por exemplo, pode-se debater sobre a diferença entre fibra de algodão e pedra

O ALCORÃO: UMA MARAVILHA PERMANENTE

ser meramente relativa, que, na verdade, eles são a mesma coisa, ambos sendo em última análise acúmulos do mesmo tipo de elétrons. Mas esse debate é puramente acadêmico. No mundo real, não se pode considerar o algodão como sendo outra coisa que não suave, e a pedra não pode ser outra coisa senão dura. Não são definições superficiais nem abstratas que determinam a impressão que se pode ter com o tato, mas o conhecimento que se ganha com ele através da experiência direta e pessoal.

PARTE 2

Preservação do Alcorão

CAPÍTULO 1

A PRESERVAÇÃO DO ALCORÃO

A primeira determinação dada ao Profeta – Leia em nome de teu Senhor que criou – enfatiza a importância do conhecimento (cap. 96 vs. 1). E as últimas palavras da revelação pertencem à outra vida (cap. 2 vs. 281).

O Alcorão foi revelado em um período de vinte e três anos e foi escrito por inteiro durante a vida do Profeta, apesar de os versículos não terem sido reunidos em um só volume naquele momento (Al-Katani, vol.2, p.384).

Pelos primeiros vinte e três anos, o Profeta foi ele mesmo a fonte do aprendizado corânico. Então ele designou alguns de seus seguidores para transmitir a mensagem do Alcorão após ele. Esses eram homens que, tendo memorizado todo o texto corânico com precisão absoluta, eram totalmente competentes para transmitir seus ensinamentos. Durante o califado de Umar Faruq, o segundo califa do Islam, um homem que tinha vindo de Kufa para Madina disse ao califa que havia uma pessoa em Kufa ensinando as escrituras com o que sabia de memória. Ao saber disso, o califa Umar ficou curioso. Mas quando ele soube que a pessoa não era ninguém menos que Abdullah ibn Mas'ud, ele se recompôs (*Istiaab*, Vol. I, p. 377), e a razão disso é que Abdullah ibn Mas'ud era um dos companheiros designados pelo próprio Profeta

para realizar esse serviço. Outros sábios mais proeminentes do Alcorão eram: Uthman, Ali, Ubayy ibn Kaab, Zayd ibn Thabit, Ibn Mas'ud, Abu Darda, Abu Musa Ashari, Salim Maula Abi Huzayfa.

No entanto, esses muçulmanos que tinha recebido tal tarefa não iriam viver para sempre. Sem dúvidas, eles iriam deixar este mundo um por um, e então haveria o risco de o Alcorão cair nas mãos de pessoas menos responsáveis e com menos conhecimento, que poderiam não preservá-lo de forma intacta e que com certeza iriam diferir quanto a seus significados. Havia até o mesmo o perigo de o Alcorão ficar perdido por inteiro para a posteridade. Com a morte de 700 dos companheiros do Profeta na Batalha de Yamamah, no ano 12 Hijri, esse perigo começou a se agigantar.

Foi registrado nos anais da história que “quando Salim Maula Abi Huzayfa foi martirizado, Umar sentiu o perigo de o Alcorão ser destruído e foi até Abu Bakr, o primeiro califa, para discutir isso” (*Fathul Bari*, v. 9, p. 5). Salim foi um dos poucos companheiros sobreviventes que tinham sido selecionados pelo Profeta para divulgar os ensinamentos do Alcorão. A solução sugerida por Umar a Abu Bakr foi preservar o Alcorão fazendo uma compilação formal dele em forma de escrita.

Conforme foi estabelecido, o Profeta sempre fez com que cada passagem do Alcorão fosse registrada tão logo fosse revelada. Essa *kitab* (registro escrito) foi um procedimento tão meticuloso que após o versículo 95 do capítulo 4 ter sido revelado, e as palavras “a não ser os inválidos” terem

A PRESERVAÇÃO DO ALCORÃO

sido reveladas de novo como um acréscimo ao mesmo versículo, aconteceu de essa frase – de acordo com o Imam Malik – ser escrita no mesmo momento pelo escriba (*Durr Mansoor*, Vol. 2, p.203).

Era costumeiro o Profeta pedir ao escriba que lesse os versículos após escrevê-los. De acordo com Zayd ibn Thabit, se qualquer parte estivesse faltando no registro, ele a corrigia e somente após esse trabalho escrito ser totalmente concluído, o Profeta permitia a divulgação dos versículos (*Majmauz Zawaid*, vol. I, p.60).

O número de escribas que trabalharam em diferentes épocas foi 42. De acordo com Ibn Abdul Bar, Hanzala Ibn Rabi era o escriba chefe. Foi pedido que ele ficasse na companhia do Profeta a todo o momento (*Aqd Al-Farid*, v. 4, p. 114), um arranjo infalível por meio do qual vários dos companheiros possuíam passagens do Alcorão em forma escrita à época do falecimento do Profeta. Um número considerável, quatro dentre eles merecem ser mencionados: Abu Darda, Maudh Ibn Jabal, Zayd ibn Thabit e Abu Zaid até mesmo possuíam o Alcorão completo no formato atual.

Foi estabelecido a partir de tradições autênticas que o próprio Anjo Gabriel, que transmitiu as revelações de Deus para o Profeta, deu a ordem dos versículos: a cada ano, durante o mês do Ramadan, o Anjo Gabriel vinha até o Profeta e recitava para ele todos os versículos corânicos revelados até então, na ordem em que existem hoje, e depois disso o Profeta repetia os versículos exatamente na

mesma ordem. Esse processo duplo foi chamado de *al-Irza*, “apresentação mútua”, nos livros de hadith.

Também foi estabelecido que no último ano de vida do Profeta, quando as revelações tinham encerrado, o Anjo Gabriel foi até o Profeta e recitou o Alcorão inteiro, na ordem atual, duas vezes, e da mesma forma o Profeta também recitou para o Anjo Gabriel o Alcorão inteiro duas vezes. Essa apresentação final é chamada de *al-Arz al-Akhirah* nos livros de hadith. (*Fathul Bari*, p. 659-663).

Quando com a ajuda do Anjo Gabriel o Alcorão estava completa e sistematicamente arranjado, o Profeta o recitou para seus companheiros em diferentes ocasiões, na ordem que conhecemos hoje. O Alcorão então estava preservado em sua forma primitiva nas memórias de dezenas de milhares de companheiros durante a vida do Profeta.

A preservação do Alcorão passou por três estágios: transcrição, compilação e coleção. No primeiro estágio, tão logo um capítulo ou versículo era revelado, ele já era escrito. Os itens a seguir são mencionados em livros como exemplos de materiais usados:

Riq'a – Fino pedaço de couro

Likhaf – ardósias finas de pedra branca

Katf – Osso arredondado do ombro do camelo

Asib – A parte larga da raiz da tamareira.

No hadith, o Segundo estágio desse processo é chamado de compilação. Isto é, primeiro os versículos foram escritos ao mesmo tempo da revelação. Depois, quando um capítulo

A PRESERVAÇÃO DO ALCORÃO

estava completo, o capítulo inteiro (geralmente era preciso muitas revelações para completar um capítulo) era escrito de forma compilada, i.e. arranjados na ordem correta no *riqa'a* (couro). Essas cópias do Alcorão compilado (completas ou incompletas) ficaram na posse de um grande número de pessoas durante a vida do Profeta. Temos o já sabido incidente de Umar ter batido impiedosamente em sua própria irmã e seu cunhado por terem aceitado o Islam. Finalmente, quando sua raiva passou, ele pediu a eles que mostrassem o livro que estavam lendo. Sua irmã respondeu que ele não podia tocá-lo em estado de impureza, e somente após ele se banhar é que sua irmã deu a ele o livro (Ibn Hisham).

O terceiro estágio desse processo é chamado de coleção, isto é, a escrita do Alcorão inteiro em um só volume. A forma do volume único costurado consistindo em páginas do mesmo tamanho não era prevalente na época do Profeta. De acordo com uma narração registrada por Bukhari, apenas quatro companheiros (Ubayy ibn Kaab, Muadh ibn Jabal, Abu Zayd, e Zayd ibn Thabit) tinham o Alcorão inteiro já reunido durante a vida do Profeta. Em *Kanz al Umma*, referindo-se a Muhammad, Ibn Kab AL-Qurzi nos deu os nomes de cinco possuidores do Alcorão completo. Porém, o status de suas coleções era de uma posse pessoal. A versão oficial produzida sob a supervisão do Califa Abu Bakr, que o reuniu após ordenar que todos os versículos fossem escritos em papéis de mesmo tamanho. O Imam Malik também registrou (citando como fonte Shahab Zahri,

que aprendeu com Salim, filho de Abdullah ibn Umar) que Zayd ibn Thabit escreveu todos os versículos do Alcorão em *al-Qaratis* (papéis de mesmo tamanho) por ordem de Abu Bakr. Esse volume foi chamado de Raba'a (quadrado) (*Itqan*, v. 1, pp. 84-85) .

É dito que durante o califado de Umar Faruq, havia mais de cem mil cópias do Qur'an em circulação no Egito, Iraque, Síria e Iêmen.

Em épocas posteriores, o Alcorão escrito se tornou a principal fonte de aprendizado islâmico. Mas havia ainda um perigo à espreita. Nos livros sagrados, a menor das diferenças pode se transformar em uma grande controvérsia. Temia-se que se as pessoas escrevessem o Alcorão sozinhas, divergências na ortografia (*kitabab*), por exemplo, escrever “oltro” em vez de “outro”, e na recitação criariam uma dissensão generalizada e não haveria nenhuma forma de exterminá-la. Por exemplo, uma só palavra do primeiro capítulo do Alcorão foi escrita de formas diferentes de acordo com a pronúncia dos diferentes dialetos: “*maalik-e-yaumuddin*”, “*malik-e-yaumuddin*” e “*maleek-e-yaumuddin*” etc.; com o passar do tempo e com as mudanças no estilo de escrever, as diferenças no manuscrito se tornariam fonte de grande contenda. Por isso, seguindo o conselho de Umar, Abu Bakr decidiu fazer uma cópia autêntica do Alcorão, preparada com patrocínio do estado e assim pôr fim à possibilidade de diferenças fonéticas obscurecerem o verdadeiro significado do texto.

Para esse propósito, Zayd ibn Thabit era o mais competente,

A PRESERVAÇÃO DO ALCORÃO

pois ele era katib do Profeta. Zayd e Ubayy ibn Kaab ambos presenciaram a “última recitação”, ouviram o Alcorão diretamente do Profeta na ordem em que ele ainda existe hoje. Eles não só memorizaram o Alcorão por inteiro, como também possuíam o texto todo em forma escrita. O primeiro califa ordenou que eles coletassem todas as partes existentes da escritura e as compilassem (Bukhari). Após essa decisão ser tomada, Umar anunciou na Mesquita que qualquer pessoa que tivesse qualquer parte do Alcorão escrita deveria entregá-la a Zayd.

Durante o primeiro califado, o Alcorão não só existia na forma escrita em folhas de tamareiras, pedras, couros etc., como também estava preservado na memória dos companheiros. O Alcorão, quando reunido em livro, foi organizado na ordem que fora memorizado pelos companheiros, e os versículos foram preservados nessa mesma ordem até os dias atuais.

A obra de Zayd ibn Thabit foi mais um processo de coletânea do que de compilação. Isto é, as partes e pedaços espalhados do Alcorão em forma escrita foram coletados por ele não só para serem organizadas e alocadas em um só volume, mas para serem usadas para verificar a autenticidade do Alcorão conforme memorizado e transmitido em tradição oral por inúmeros indivíduos. Uma vez que essa correspondência exata entre as formas oral e escrita do Alcorão foi estabelecida sem qualquer sombra de dúvida, Zayd procedeu a colocar os versículos do Alcorão no papel em sua ordem correta.

Harith Muhasibi escreve em seu livro “Fahm As-Sunan” que a transcrição do Alcorão não era nada de novo, porque o Profeta mesmo tinha ordenado que ele fosse escrito. Mas ele estava antes escrito separado em *Riq’a*, *Likhaf*, *Katf*, *‘Asib* etc. Todos esses materiais nos quais o Alcorão estava escrito existiam na casa do Profeta, mas não tinham sido colocados em nenhuma ordem especial. O que o coletor fez foi pegar todas essas partes e reuni-las para que nenhuma parte fosse destruída (*Al, Itqan*, v. 1, p. 40) .

Essa organização complexa do Alcorão foi feita para que não houvesse a mínima discrepância em comparação com a revelação original. Se esse cuidado extraordinário não fosse observado, teriam surgido divergências quanto ao menor lapso na memorização e transcrição. Por exemplo, quando Umar recitou esse versículo para Zayd ibn Thabit: “E os precursores primeiros, dentre os emigrantes e os socorredores e os que os seguiram com benevolência...” (cap. 09 vs.100), Zayd disse que ele se lembrava desse versículo com “waw”, isto é, com “e” após “socorredores”. Então começou a investigação e finalmente os outros memorizadores do Alcorão vieram e confirmaram que a opinião de Zayd estava correta. Então no volume, o versículo foi escrito com a adição de “e”.

Em tempos anteriores, quando a forma aceita de disseminar o assunto do livro era memorizá-lo e depois recitá-lo, era um tanto excepcional que o Alcorão houvesse sido preservado na forma escrita e também memorizada. Era como ter um sistema de verificação em duas etapas, por meio do qual a

A PRESERVAÇÃO DO ALCORÃO

memória + palavras escritas e palavras escritas + memória pudessem ser constantemente comparadas para verificação.

Após Zayd ibn Thabit ter preparado o Alcorão e reunido em forma de livro, todos os outros materiais coletados dos diferentes companheiros, com o propósito de fazer a verificação e a comparação, foram queimados. Agora esse volume seria entregue ao califa. Após a morte de Abu Bakr, ele permaneceu com Umar, o segundo califa. Após a morte do califa Umar, ele permaneceu com Hafsa, filha de Umar e esposa do Profeta.

Durante o califado de Uthman, o Islam havia se espalhado para muito longe, e o número de muçulmanos era muito grande. Além disso, os companheiros que ensinavam o Alcorão haviam ido para diferentes países que tinham adentrado no Islam. Por exemplo, os sírios aprenderam o Alcorão com Ubayy ibn Kaab, os habitantes de Kufa (cidade no Iraque) aprenderam o Alcorão com Abdullah ibn Mas'ud e os iraquianos de Basrah aprenderam o Alcorão com Abu Musa Ash'ari. Porém, devido a diferenças de sotaque e estilos de escrita, as controvérsias começaram a surgir. As pessoas chamavam umas às outras de hereges por causa dessas diferenças.

Ibn Abi Daud escreve em seu livro “Al-Masahif”, citando Yazid ibn Muawiyah Nakahi, que certa vez, quando Huzayfa ibn Yaman estava presente na Mesquita de Kufa, ele encontrou um grupo recitando o Alcorão. Um deles recitou um versículo e disse: “Essa é a forma de recitação de Abdullah ibn Mas'ud”. Outro recitou com uma pronúncia

diferente e disse que aquela era a forma que Abu Musa Al-Ashari recitou. Huzayfa, enfurecido ao ouvir isso, levantou-se e advertiu o grupo: “Aqueles antes de vocês (povo do livro) diferiram dessa mesma forma. Por Deus, eu vou até o líder dos crentes, Uthman, o terceiro califa”.

Huzayfa era um oficial militar alocado na Armênia e no Azerbaijão e havia acabado de retornar de uma batalha. Mas quando chegou em Medina e testemunhou aquela cena na mesquita do Profeta, em vez de voltar direto para casa, ele foi direto até o terceiro califa e dirigiu-se a ele dessa forma: “Ó Líder dos crentes! Cuide de seu povo antes que ele seja vítima das diferenças na leitura do livro de Deus, como divergiram os judeus e os cristãos”.

Durante o califado de Uthman, entraram no Islam muitas pessoas cujas línguas maternas não eram o árabe, e que não sabiam falar a língua com o sotaque e a pronúncia correta. Mesmo as várias tribos árabes tinham diferentes sotaques e pronúncias. Por isso as variações na recitação do Alcorão. O resultado era que o Alcorão, também, começou a ser escrito de acordo com as várias pronúncias. Ibn Qutayba escreve que a tribo de Bani Huzayl pronunciava “hatta” como “atta” Como Ibn Mas’ud pertencia a essa tribo, seus membros não viram motivo para alterar essa forma de pronunciar. Tais diferenças na recitação começaram a se refletir na transcrição do Alcorão, e esse é só um de muitos exemplos. Dado o estado da situação, Uthman, aconselhado por Huzayfa ibn Yaman, mandou produzir cópias do volume reparado por Abu Bakr, depois enviou uma cópia para

A PRESERVAÇÃO DO ALCORÃO

cada uma das cidades. Essa tarefa foi novamente confiada a Zayd ibn Thabit Ansari, que contou com onze pessoas para auxiliá-lo. Por ordem do terceiro califa, o comitê escreveu o Alcorão de acordo com a escrita dos coraixitas, para que ficasse em conformidade com a pronúncia (lehja) do Profeta do Islam. O califa Uthman, depois, ordenou que todas as cópias do Alcorão, que cada pessoa tivesse escrito para si, fossem entregues ao governo. Essas cópias foram então queimadas por sua ordem.

Com esse método, todas as cópias do Alcorão se tornaram uniformes no que tange à escrita. Porém, levando em consideração as diferenças naturais – já que as pessoas não podiam todas pronunciar o Alcorão uniformemente – foi dada permissão para que o Alcorão fosse recitado nas sete diferentes pronúncias e sotaques. A coleção preparada por Abu Bakr foi feita um ano após a morte do Profeta. As cópias ordenadas por Uthman foram produzidas 15 anos após a morte do Profeta.

Essas cópias do Alcorão, feitas com cuidado e precisão extraordinárias, foram passadas adiante de geração para geração até o florescer da era da imprensa. Muitas prensas móveis foram trazidas para o mundo muçulmano, onde a bela caligrafia das escrituras foi reproduzida após seu conteúdo ser certificado pelos memorizadores do Alcorão. Assim, mais uma vez, com a ajuda das versões memorizadas e dos textos escritos, cópias corretas e autênticas foram preparadas. Depois, com a publicação dessas cópias em larga escala, o Alcorão se espalhou por todo o mundo.

O ALCORÃO: UMA MARAVILHA PERMANENTE

É fato irrefutável reconhecido pelos orientalistas que qualquer cópia do Alcorão encontrada em qualquer parte do mundo em qualquer época será exatamente a mesma entregue aos muçulmanos pelo Profeta em seus últimos dias, organizada na forma existente ainda hoje.

ARRANJO DIVINO

CAPÍTULO 2

ARRANJO DIVINO

Os judeus foram ordenados por Deus a preservarem seu livro sagrado, a Torá. A responsabilidade de preservar essas primeiras escrituras sagradas foi posteriormente passada a seus seguidores, ao passo que Deus colocou sobre Si mesmo a responsabilidade de manter o Alcorão intacto: “Por certo, Nós fizemos descer o Alcorão e, por certo, somos dele Custódios” (cap. 15 vs 9). As primeiras escrituras eram livros de Deus assim como o Alcorão. A única diferença foi que os guardiões desses livros falharam em sua tarefa de preservá-los, e então eles perderam suas qualidades originais. Quanto ao Alcorão, tendo Deus assumido a concessão de Seu socorro divino especial para a preservação, ele permaneceu em seu estado original.

No então, isso não significa que os anjos irão descer dos céus para manter o Alcorão protegido. Sendo o mundo atual um mundo de provações, as realidades do outro mundo permanecem ocultas de nós nesta vida. Portanto, não pode jamais ocorrer que os anjos realmente desçam com o propósito de proteger o Alcorão. Todas essas coisas são alcançadas neste mundo em circunstâncias normais, não extraordinárias. Aqui, essa tarefa é realizada por nós, seres humanos comuns, e por meio de processos históricos, sem que o véu do invisível seja levantado. Eventos ao longo da

história humana confirmam o cumprimento de Deus de Sua promessa – muçulmanos e também não muçulmanos, indivíduos e também comunidades, foram incumbidos desse serviço por Deus. Quanto aos Profetas, eles não eram capazes de garantir que um número suficiente de seguidores fornecesse uma garantia forte de preservação do livro de Deus. Mas o caso do Profeta do Islam é distintamente diferente dos demais Profetas. Na ocasião do *HajjatulWida*, a última peregrinação, que o Profeta realizou dois meses e meio antes de seu falecimento, ele foi acompanhado por 140 mil muçulmanos nas planícies de Arafat. Pode-se deduzir disso que o número de crentes, homens e mulheres juntos, deveria ser de 500 mil. Esse número é extraordinariamente grande considerando que a população mundial em épocas antigas era muito menor do que é hoje. Após o falecimento do Profeta, esse número continuou aumentando conforme nação após nação abraçava o Islam. Dessa forma, um vasto grupo humano se formou, como nunca antes havia existido para preservar nenhuma das outras escrituras.

Outro evento que ajudou depois foi uma série de conquistas dentro e fora da Arábia, por meio das quais os muçulmanos progressivamente ganharam domínio sobre um vasto território inabitado do mundo antigo e estabeleceram o maior e mais poderoso império da época. Esse império, poderoso demais para ser vencido por qualquer outro, foi capaz de preservar a autenticidade do Alcorão, resistindo a ataques por cerca de mil anos. Depois, com o advento da

ARRANJO DIVINO

era da imprensa, a possibilidade de o Alcorão ser destruído finalmente foi descartada.

Na era da imprensa, tornou-se possível imprimir um milhão de cópias a partir de um único manuscrito – algo que era impossível em épocas anteriores, quando cada cópia era feita a mão separadamente. Foi apenas no caso do Alcorão, do qual dezenas de milhares de cópias tinham sido feitas separadamente a mão antes da era da imprensa (um grande número de cópias ainda existe em museus e bibliotecas), que, surpreendentemente, não havia a mínima diferença entre um manuscrito e outro. Se os muçulmanos ficaram tão alertas e sensíveis em manter a perfeição do Alcorão, foi por causa do socorro divino especial de Deus.

Além disso, havia outro arranjo inspirado por Deus. Isto é, o método único de guardar todo o texto na memória, que passou a ser praticado no caso do Alcorão – um método que jamais antes foi aplicado a nenhum outro livro na história da humanidade. Centenas de milhares de pessoas foram incentivadas (por Deus) a aprender mecanicamente o texto do Alcorão do início ao fim. Desde o início do Alcorão até os dias atuais, milhares de pessoas conhecidas como *hafiz* (aqueles que possuem o Alcorão inteiro guardado na memória) existiram em cada geração. A história nos conta que não há nenhum outro livro cujos seguidores tenham mostrado tal cuidado extremo em memorizar seu texto. Foi esse hábito de aprender o Alcorão de cor que tornou possível sua preservação. Esse sistema único foi chamado por um orientalista francês de “dupla verificação”, em que

primeiro se compara o conteúdo de uma cópia com outra e depois se faz a verificação com a memória.

Cada procedimento seguido para a proteção do Alcorão, por 1500⁴ anos de história islâmica, foi com a ajuda de Deus. Porém, para que esse mundo seguisse sendo um plano de provas para o ser humano, tudo aconteceu por baixo de um véu (isto é, apesar de ter sido Deus que influenciou os eventos e que motivou as pessoas, Ele permaneceu oculto, porque o homem está em prova neste mundo). No Dia do Juízo, quando todas as realidades forem expostas, as pessoas irão observar como Deus estava realizando diretamente a tarefa de preservar o Alcorão desde o início da revolução islâmica até o advento da imprensa, que com seu método mais sofisticado de replicação, facilitou a rápida propagação da mensagem de Deus.

Há outro aspecto vital desse arranjo divino especial para a continuação eterna do Alcorão: Deus requer que os muçulmanos preservem não apenas suas palavras, mas, mais importante, seus significados. Enquanto o teste do antigo povo do livro estava em perpetuar as palavras exatas de suas escrituras, o verdadeiro teste da *ummah* muçulmana reside em preservar o significado de sua escritura. Já que os antecessores dos muçulmanos falharam em seu teste, Deus assumiu a responsabilidade de manter o Alcorão intacto.

Por uma questão de prova divina, os muçulmanos devem provar que não se desviam do texto em suas explicações e

4 N.T. Número aproximado. O Alcorão começou a ser revelado no ano 610 da era cristã.

interpretações, que mantiveram tudo em seu exato lugar designado pelo Alcorão. Em seus comentários, eles devem tomar o imenso cuidado de não fazerem nenhuma mudança na ênfase, pois isso seria equivalente a alterar os objetivos do texto sagrado. Quando apresentam o Alcorão a outros, eles devem transmitir exatamente o que ele afirma, nada menos e nada mais.

O insucesso dos muçulmanos como povo do Alcorão está em esquecerem seu espírito e usarem o Alcorão simplesmente como um livro de bênçãos em vez de um livro de orientação. Quando a degradação dos muçulmanos chega a esse estágio, suas atividades se desviam das bases do Islam. Eles se referem a sua religião, a seu livro, como sendo assuntos de orgulho nacional. Outros se envolvem no show business em nome do Islam. Outros ainda o exploram para ganhos políticos.

Todas essas atividades, mesmo se forem realizadas em nome do Alcorão e do Islam, são todas desvios dos princípios sagrados. Se os muçulmanos persistirem em se envolverem em tais atividades, eles não irão escapar da ira de Deus. Se eles ficarem satisfeitos de que serão salvos com base em não terem poupado esforços para preservar as palavras do Alcorão, eles estarão em grave erro. Deus os responsabilizará por terem distorcido os significados do texto corânico a ponto de ficar irreconhecível.

Deve ser claramente entendido que os muçulmanos serão repreendidos pelo significado do texto assim como os antigos povos do livro foram repreendidos por terem

alterado as palavras de suas escrituras. É neste ponto que os muçulmanos serão perenemente testados. Tendo alterado o significado do Alcorão através de suas interpretações de estilo pessoal, eles não poderão escapar da ira de Deus simplesmente por não terem feito mudanças no texto.

Nenhum homem pode ser testado a menos que lhe tenha sido dada liberdade de agir também. Os muçulmanos são livres para interpretar o texto, mas não para alterá-lo. Deve-se compreender na totalidade este ponto, que a punição infligida aos outros povos do livro por terem alterado as palavras do texto divino será infligida aos muçulmanos por terem alterado o significado do texto. Aqui se encontra a medida dos muçulmanos. Se por meio de suas interpretações de estilo pessoal eles alterarem o significado do texto sagrado, eles não serão poupados da punição divina pelo mero fato de não terem alterado suas palavras. Isso porque o teste do homem está na esfera do poder. Agora, proibidos de alterarem as palavras do Alcorão, os muçulmanos podem mudar apenas seu significado. Então será justamente neste ponto que eles serão testados.

VERDADE ETERNA

O Profeta Moisés, nascido no Egito no século XV a.C., foi escolhido por Deus para ser Seu mensageiro. Naquela época, o Egito estava sob a dinastia dos faraós, que eram idólatras. O Profeta Moisés encontrou dois reis diferentes dessa dinastia: um foi indicado por Deus como seu guardião, enquanto o outro foi aquele que ele confrontou durante sua missão.

Quando Moisés apresentou a Mensagem Divina da Verdade ao faraó, este se voltou contra ele. Para provar a genuinidade de sua profecia, o Profeta Moisés mostrou o milagre de seu cajado se transformar em uma serpente. O faraó disse que aquilo era mera magia, e que seu povo também poderia realizar tal feito. Então o faraó ordenou que todos os magos do Egito viessem para um festival nacional, para anular o milagre de Moisés demonstrando que suas habilidades superiores na magia. No momento indicado, os mais renomados magos de todo o país se reuniram devidamente na corte real. Quando o Profeta Moisés chegou, ele não só sobrepujou a performance dos magos da corte com outros milagres, como também fez um importante discurso, parte do qual foi o seguinte:

“O que trouxestes é a magia. Por certo, Allah a derrogará. Por certo, Allah não emenda as

obras dos corruptores. E Allah estabelece com Suas palavras a verdade, ainda que o odeiem os criminosos” (cap. 10 vs. 81-82).

O que o Profeta Moisés disse naquele momento era na verdade uma proclamação da verdade eterna de Deus. Neste mundo, foi dada ao homem a liberdade para que ele pudesse ser posto à prova. Em consequência, a mentira teve a oportunidade de estragar a condição humana. Mas esse aumento da falsidade é apenas uma fase temporária, pois o sistema do mundo é tão perfeito que ele não aceita a falsidade por muito tempo. Após um período, ele rejeita toda a falsidade. É a verdade e somente a verdade que irá perdurar.

Essa lei de Deus se manifestou em tempos antigos assim como se manifesta hoje. É por isso que, na época do Profeta Moisés, a feitiçaria dos magos foi reduzida a nada pelo milagre concedido a Moisés. Esse fenômeno da verdade finalmente conquistar a falsidade se repetiu muitas vezes ao longo dos tempos de diferentes formas. Na época atual, Deus ordenou isso através do próprio conhecimento humano, avanços no conhecimento e na ciência tornaram possível comprovar em definitivo a invencibilidade da verdade divina. Com a revelação do Alcorão, os eventos que iriam acontecer se encontram na expressão destas palavras:

Fá-los-emos ver Nossos sinais nos horizontes e neles mesmos, até que se torne evidente, para eles, que ele (o Alcorão) é a Verdade. E não

basta que teu Senhor, sobre todas as coisas, seja testemunha? (cap. 41 vs. 53).

O comentador Ibn Kathir explicou esse versículo com estas palavras:

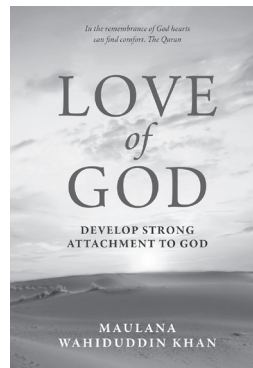
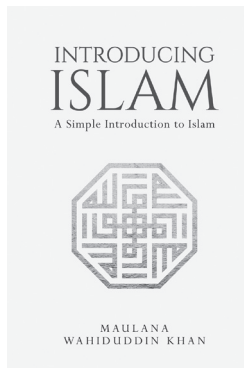
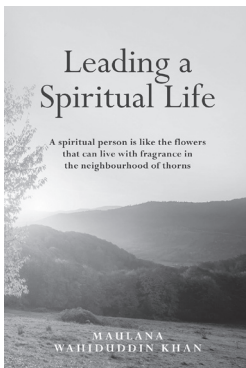
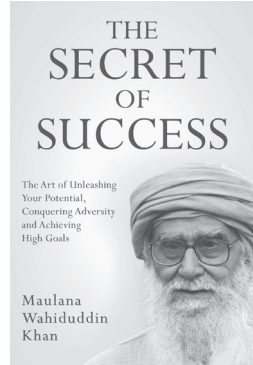
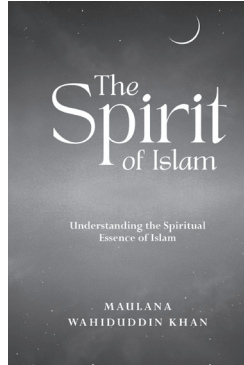
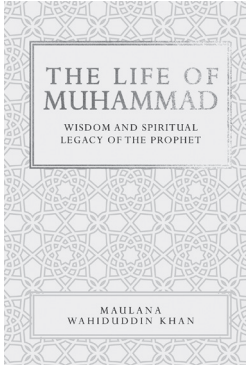
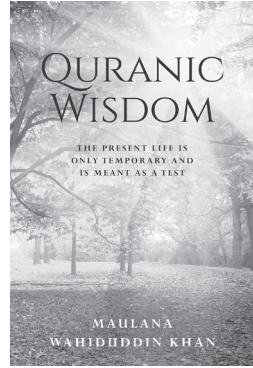
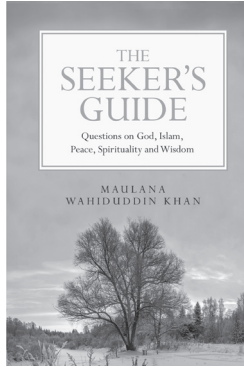
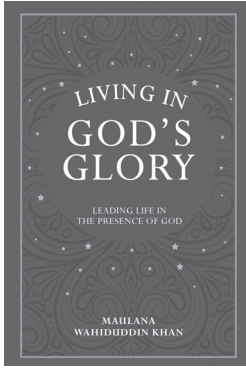
“Em breve Nós faremos manifestar-se a verdade do Alcorão através dos argumentos externos da razão”.

Esse versículo do Alcorão precisa ser analisado no contexto da posteridade. Essas são as palavras de um Ser diante do qual estão não apenas as gerações daquela época, mas todas as gerações seguintes.

Dirigindo-se a todos os povos do presente, do passado e do futuro, esse versículo declara que o que quer que seja apresentado nas épocas com base no conhecimento revelado, irá, no futuro, ter sua autenticidade provada pelos avanços do próprio conhecimento humano. O que é meramente uma questão de afirmação hoje se tornará uma realidade confirmada amanhã.

Provou-se ser verdade essa predição do Alcorão em seu sentido total. Em épocas antigas, quando os magos opuseram a verdade com a magia, Deus demoliu sua magia. Na época atual, quando o caso do ateísmo foi projetado sem ter qualquer base na verdade, Deus fez todos os argumentos a favor dele desaparecerem no ar. Da mesma forma, tudo que for levantado contra a Verdade será também destruído – como acontece em todas as épocas. A palavra de Deus, em sua veracidade intacta, será perpetuada, para sempre.

Books by Maulana Wahiduddin Khan



Esta coleção discute brevemente dois aspectos do Alcorão: primeiro, o fato de ele por si só ser uma prova de que é o Livro de Deus. Depois, sua completa preservação em sua forma original, conforme revelado ao Profeta Muhammad.

Deus fez muitas revelações a Seus servos escolhidos, mas o que especificamente o distingue é que o texto do Alcorão jamais foi alterado, enquanto todas as outras escrituras, muito antes, perderam sua forma e conteúdo originais, o que significa uma séria perda de autenticidade.

Goodword Books
CPS International